

**DOM JOSÉ MARELLO**

**UMA PÉROLA**

**ESCONDIDA**

# APRESENTAÇÃO

**T**raçar o perfil moral e espiritual de uma personalidade rica e fascinante como aquela do Bem-Aventurado José Marelo, é uma tarefa complexa, quanto difícil e quase impossível. Contudo qualquer tentativa neste campo é válida, dado que este personagem permanece sendo não apenas para os Oblatos de São José, mas para toda a Igreja, de uma atualidade surpreendente, respondendo plenamente aos requisitos do cristão ou de qualquer sacerdote dos nossos tempos.

O propósito deste opúsculo não é uma simples menção agiográfica, nem mesmo uma biografia no estilo tradicional, mas uma seqüência dos fatos como flash que iluminam a pessoa e a personalidade do nosso Fundador. Quis propositalmente que o próprio Marelo num estilo diferente e simples narrasse sua própria história. Portanto, está excluída uma biografia analítica ou detalhada, mas sim uma evocação dos acontecimentos exteriores e interiores naquilo que foi possível, que marcaram a sua vida. É uma narração em primeira pessoa da qual ele é o protagonista.

José Marelo foi um homem com seus defeitos e limites, portanto alguém não desenraizado de seu ambiente histórico-existencial, contudo seus carismas espirituais não podem ser ignorados, seus valores e sua pertinácia na busca do bem, da superação de si mesmo e do esforço ascético de santidade, foram realçados desde o cultivo ainda na juventude dos andentes sonhos de renovação social até o incansável processo individual na busca da santidade.

Estou certo de que o Bem-Aventurado José Marelo nos fala hoje em termos sempre atuais e a sua mensagem atinge com uma ressonância toda particular a nós seus filhos e seguidores.

Pe. José Antonio Bertolin, OSJ

PROVINCIAL, OSJ

Curitiba, 30 de maio de 1995

## I PARTE

### DO NASCIMENTO À MORTE DA MÃE

Meu pai chamava-se Vicente Marelo. Apenas tinha completado 18 anos, deixou seus pais e seus dois irmãos menores com a firme decisão de não mais cultivar o pedaço de terra que sua família possuía junto a São Martinho Alfieri. Sua escolha foi dura para toda a família, mas disposto como estava, meu pai procurou explicar sua decisão ao meu avô dizendo-lhe:

- Papai, eu sou o filho mais velho da família, e como o senhor vê, a nossa vida aqui neste lugar tem sido muito difícil; nossos parrerais quase não rendem mais nada. Então é melhor que eu vá tentar a vida numa cidade grande. Vou para Turim, lá já conheço alguns amigos e tendo alguns de nossos parentes, poderei encontrar um bom trabalho e endireitar a vida de todos nós.

A decisão de meu pai foi muito acertada, pois logo começou a trabalhar e ganhar dinheiro e assim recebeu todo o incentivo da família, indo em seguida também para Turim o meu Tio Domingos.

Turim era uma cidade bonita e com muitas possibilidades, pois era a capital do Piemonte e já então tinha uma população aproximadamente de 130 mil habitantes. Para ela mudaram-se, nos últimos anos, um número incontável de famílias, sobretudo de camponeses da Região, sempre em busca de trabalho e de um pouco mais de conforto para a vida.

A Turim que hoje para vocês é uma moderna cidade industrial do meu país, vivia naquela época em plena ebulição. Ali pululavam as idéias renascentistas em busca de uma nova Itália. A indústria se desenvolvia rapidamente e o comércio se tornava cada vez mais próspero, impulsionado pelas riquezas dos senhores. Entretanto a miséria arrastava muitos para as favelas. Contudo, as portas, não se fechavam para aqueles, que com tenacidade buscavam dias melhores.

Rua Dei Pasticereri. Sim, será ali que vou buscar um trabalho, pensou meu pai. Afinal, nesta rua morava a família Secco, muito conhecida e tradicional em Antigno D'Asti, um lugarejo próximo a São Martinho Alfieri. Além de serem grandes comerciantes de queijos, eram também de muita fé.

O intuito empreendedor de meu pai, foi recompensado imediatamente, tornando-se vendedor da indústria de queijos do senhor Secco. Cheio de boa vontade e forjado para o trabalho como era, começou a comercialização de queijos na região e por praças nunca antes frequentadas por vendedores.

Familiarizado com o trabalho e vendendo bem, meu pai constatou:

- Sinto que tenho mesmo o tino para o comércio, pois já em pouco tempo ganhei muito dinheiro e ganharei muito mais. O senhor Domingos Secco, estima-me muito e assim progredirei ainda mais, e poderei ajudar minha família e até aqueles mais necessitados.

Homem de fé e de freqüência aos sacramentos, ficou logo conhecido na comunidade, sobretudo pelo seu pároco, José Cottolengo da Igreja "Corpus Domini", a qual não era muito distante do local de seu trabalho. Sabedor de suas qualidades e disponibilidade, o pároco não titubeou, e convidou-o para ser um dos seus colaboradores.

-Vicente, disse-lhe o ilustre prelado - Já faz um bom tempo que estou organizando uma obra de caridade para nossos pobres e doentes e estou precisando da ajuda de jovens como você.

Sensibilizado pela obra e fascinado pela figura carismática do seu pároco, meu pai com seus 21 anos, começou seu engajamento logo apresentado para aquela obra de caridade nascente, os primeiros lenções, alegrando assim, muitos daqueles corações carentes.

Os anos corriam e os negócios continuavam prósperos e seu patrão cada vez mais o estimava, a ponto de confiar-lhe boa parte da administração dos negócios.

Com o passar dos anos, meu pai já maduro, precisava tomar uma decisão quanto ao seu futuro, à sua vocação. Por isso o senhor Secco, um dia, chamou-o à parte e disse-lhe:

- Vicente, você já está com seus 31 anos, portanto precisa pensar um pouco mais no seu futuro, em uma família. Você tem dado provas ao longo destes anos de ser uma pessoa de confiança e sincera. Sei que Maria Madalena, minha filha e você se amam, então porque vocês não se casam?

Outra luz brilhou naquele momento para o meu pai. Casar-se com a filha do meu patrão, era o que ele há muito tempo desejava porque ele a amava e além do mais, isto consolidaria para sempre o seu trabalho e sua prosperidade.

A proposta do senhor Secco, foi levada a sério por ambos, e bastaram apenas alguns meses de preparação e eis que na mesma igreja de "Corpus Domini" se uniram para sempre.

Mas aquela alegria, os projetos de um futuro feliz, estavam fadados a durar pouco tempo, pois sua querida esposa morria aos 19 de janeiro de 1841 sem ao menos deixar-lhe um filho.

A morte da querida esposa de meu pai, foi um acontecimento inesperado, portanto um grande golpe, mas seu forte caráter não permitiu que seu espírito empreendedor esmoressesse, e por isso continuara comercializando queijos e ganhando dinheiro. Sozinho, depois da experiência do casamento, sua vida torna-se mais difícil, por isso, depois de um ano da morte de sua esposa, encontrou uma bonita e jovem de apenas 20 anos, de nome Ana Maria Vialle. Também este seu segundo amor era de uma família rica e bastante conhecida em Turim. Esta logo se enamorou deste próspero comerciante e após um tempo de namoro, marcaram o casamento para o dia 26 de fevereiro de 1843, e na igreja de Nossa Senhora da Assunção, receberam a benção nupcial.

Casados, procuraram uma bonita e espaçosa casa na mesma e famosa Rua Dei Pasticieri, esta em Turim, era lugar comum da residência de príncipes e embaixadores. Era também o ponto de encontro dos artistas e dos comerciantes. Localizava-se ainda ali a conhecida igreja de São Francisco de Assis, e ao lado desta existia um colégio onde o padre José Cafasso, ajudava na formação de aproximadamente 50 sacerdotes, para poder melhor inserí-los na sociedade de então que além de exigente, era pragmática, agnóstica e marcada pela semente da maçonaria. Dentre estes jovens sacerdotes, encontrava-se também Dom Bosco que certamente conhecia o meu pai.

Neste ambiente meu pai e sua esposa compartilhavam as experiências e os projetos. Meu pai tinha uma vivência de 18 anos de trabalho em Turim e possuía conseqüentemente, uma boa posição econômica e social, entretanto seu espírito dinâmico e irrequieto procurava e queria ainda mais.

- Maria, disse-lhe certo dia meu pai, fiquei sabendo que o Marquês Miguel Benso di Cavour, o atual chefe da polícia de Turim, concedeu permissão para todos os trabalhadores, de exercerem suas profissões fora de nossa região. Vou aproveitar esta oportunidade para estender o nosso comércio fora daqui, quero chegar até a Suíça.

- Sim Vicente, você é ainda jovem e com seu espírito empreendedor poderá conseguir muita coisa, Ficarei aqui conduzindo as nossas vendas, enquanto não chega o nosso bebê.

O ano transcorria conforme tinham planejado. Ambos sabiam que à medida que se aproximava o clima das festas natalinas, chegaria o filho primogênito.

E assim aconteceu. No dia 26 de dezembro de 1843, às 09 horas, enquanto ainda os sinos das igrejas da capital Sabáuda repicavam, manifestando a alegria do nascimento do Deus feito homem, para a humanidade, vinha ao mundo um bonito e robusto menino dando alegria para toda a família Marelo. Este menino era eu. Imediatamente meu pai foi comunicar aos meus avós, em São Martinho Alfieri, a feliz notícia.

- Papai, disse ele ao meu avô, hoje eu sou pai! nasceu o seu primeiro neto e eu quero que o senhor e a mamãe, venham ainda hoje comigo para Turim, porque nós já decidimos que ainda hoje nosso filho será batizado. Está tudo combinado com o nosso pároco da igreja de "Corpus Domini" e o batizado está marcado para às 18 horas, e vocês serão os padrinhos.

Meus avós radiantes de alegria se preparam e em seguida acompanharam meu pai para Turim.

Ainda naquela tarde meu nome foi escolhido. Mamãe preocupada com meu nome perguntou a papai:

- Vicente, qual será mesmo o nome que daremos ao nosso filho?

- Vamos chamá-lo com o nome de meu pai: José Chiaffredo, acrescentando também Estevão, em homenagem ao Santo que hoje celebramos.

Portanto, meu nome estava escolhido: José Chiaffredo Estevão Marelo.

Naquele mesmo dia acompanhado de meus pais, meus avós e de alguns amigos da família, na igreja de "Corpus Domini", que desde 1453 tinha sido palco da realização de um dos milagres eucarísticos, onde depois que o hostensório com a Sagrada Hóstia, fora roubado por dois soldados de Ludovico de Savóia para vendê-lo, foi recuperado, quando era transportado, escondido numa carga sobre um burro e este, ao passar diante do lugar sagrado da Igreja, caiu por terra. A hóstia consagrada, imediatamente elevou-se radiante, diante da multidão atônita. Desceu depois nas mãos do bispo de Turim, em meio aos fiéis em oração. Fui batizado neste dia e tornei-me filho de Deus e da Igreja.

Quase quatro anos depois do meu nascimento, meus pais felizes e unidos, foram presenteados com mais um filho no dia 27 de maio de 1947. Este foi meu único irmão, e recebeu o nome de Vittório Marelo.

Era uma família realizada, com planos e esperanças. Mas eis que de repente surgem as adversidades. Desencadeia-se uma ferrenha revolução que se propagou em pouco tempo por toda a Europa. Ela trouxe a instabilidade, não apenas para a minha família, mas para todas, tornando-as inseguras e ameaçadas. Paris, Berlim, Viena se envolveram e com isto, também a Itália através de seu Rei Carlos Alberto, declarava no dia 23 de março de 1848, guerra contra a Áustria.

Entretanto, não foi somente por esta provação que passamos, pois somando-se a esta contemporaneamente minha mãe caía gravemente enferma, de sorte que todas as tentativas para salvá-la eram inúteis, fato este que deixou meu pai profundamente abalado e consternado. Eu era ainda pequeno e pouco compreendia o que estava acontecendo, mas via as lágrimas caírem dos olhos de meu pai, assim como também as suas orações elevarem-se até aos céus. Porém os desígnios de Deus, eram outros, pois ele queria que minha estimada e santa mãe fosse para junto Dele para sempre. Assim, depois de alguns meses, aos 05 de

abril de 1848, na plena flor da idade, com apenas 24 anos , partiu para a eternidade, deixando órfãos a mim e o meu irmão Vittório, com apenas poucos meses, e o meu pai viúvo pela segunda vez.

Sim, pela segunda vez, meu bondoso pai tinha-se tornado viúvo. Os dois amores de sua vida, como duas flores perfumadas tinham enfeitado por pouco tempo a sua vida. Meu pai passava, então por profundos questionamentos e certamente perguntou-se:

- E agora como vou fazer? Quem cuidará de meus filhos? Como ficam os meus negócios? A minha vida?

Perguntas pertinentes para um homem decidido e sempre à busca do sentido para sua vida. Mas, assim como quando ainda jovem, uma luz o iluminou para tomar uma decisão que mudou o rumo de sua vida, quando resolveu mudar para Turim, assim também uma nova luz, voltava a brilhar para guiá-lo e fazê-lo tomar uma decisão prudente e segura.

Veio-lhe ao encontro Catarina Secco, irmã de sua primeira esposa e esta se ofereceu para cuidar de mim e de Vittório. Meu pai que continuava sendo sempre estimado pela família Secco e com a qual sempre manteve um estreito relacionamento, mesmo depois da morte de sua primeira esposa, aceitou a generosa disponibilidade de Catarina, que se tornara nossa segunda mãe, continuando o mesmo estilo educativo de minha mãe, conduzindo-nos ao amor de Deus e à Virgem Maria, o que cristalizará na alma de nós dois, ainda crianças, uma verdadeira vida cristã.

Depois da morte de minha mãe, vivemos ainda quatro anos em Turim. Neste período, portanto durante meus nove primeiros anos, vivi no contexto daquela grande cidade. Ali ainda criança, comecei a participar das missas na igreja de "Corpus Domini". Ali conheci o acontecimento do milagre eucarístico, toquei aquele lugar onde ele ocorreu e pelos exemplos de meu pai e de minha "segunda mãe", aprendi a amar Jesus escondido no sacrário. Foi ali mesmo aos pés do altar de Nossa Senhora, onde diante da imagem da Virgem, José Cottolengo tinha iniciado em 1828 a sua grande obra de caridade para com os pobres e doentes para os quais eu, muitas vezes, ajoelhei-me e rezei.

Neste clima eu respirei aquele ar e perfume de santidade dos grandes santos Torinenses tais como: Cottolengo, Cafasso, Bosco, Faà de Bruno e tantos outros.

Foi sem dúvida também ali neste ambiente que aprendi amar a Virgem Santíssima e passei a cultivar-lhe uma devoção e afeição que acompanhará durante toda a minha vida, escolhendo-a como minha mestra e guia.

Eu e meu irmão, crescíamos muito afeiçoados por Catarina Secco e ela também por sua vez nos amava muito dedicando-se completamente ao nosso crescimento e educação. Sendo jovem, ela devia esposar-se , mas não queria deixar-nos, por isso pediu a papai:

- Vicente, estou para esposar-me, gostaria de deixar as portas abertas para os seus negócios, por isso quero adotar José e Vittório como meus e levá-los comigo.

Mas, meu pai, embora enfronhado no trabalho, não nos esquecia e nos amava muito, e assim respondeu à minha querida Catarina.

- Eu lhe agradeço muito minha bondosa cunhada, sou muito reconhecido pelo que você fez por mim e pelos dois meninos, durante estes anos, mas eles são meus filhos, devo

tê-los comigo. Estive pensando muito e resolvi voltar morar novamente em São Martinho, junto de meus pais. Ali os dois crescerão em contato com a natureza, em meio aos parrerais e ao sol benéfico das colinas. Além do mais, Turim está ficando cada vez mais uma cidade grande, complicada e difícil de se viver.

O pensamento de meu pai, foi concretizado logo em seguida, e no início de 1852 transferimo-nos para São Martinho, onde papai adquiriu uma casa e alguns bens e voltou à vida de agricultor. A orfandade de mãe, minha e de meu irmão, tinha levado meu pai deixar sua carreira de comerciante para pensar em nós.

Meu novo ambiente agrícola e diferente da grande cidade, tornou-me mais livre e passei a viver juntamente com meu irmão na companhia de papai, dos meus avós e do meu tio João.

Eu, aos nove anos, começava uma nova experiência em minha vida. Papai tinha comprado uma grande casa e lembro-me que havia na entrada um bonito portão, um jardim com muitas plantas e roseiras. Tudo isto protegido por um grande muro que separava da estrada. O quintal era espaçoso e do fundo dele se podia contemplar o vasto vale do Tânaró que descortinava a visão até aos Alpes.

Desde quando ali cheguei, passei a considerar aquele lugarejo como minha cidade, que até então se chamava São Martinho, mas que no final do século passaria a ser conhecida como São Martinho Alfieri, em homenagem a uma ilustre família que possuía um castelo bem no centro da cidade.

Meus avós eram muito bons para comigo e para com meu irmão. Papai era muito preocupado com nossa saúde. Dentre boas recordações destes anos em São Martinho, não me esqueço dos pratos de talharim que a empregada nos preparava com carinho.

Como menino esperto e saudável, comecei fazer minhas amizades; aos poucos fui conhecendo o povo do lugar e é claro, o caminho para a escola e para a Igreja, tornando-se assim o meu itinerário de todos os dias.

## II - DE COROINHA AO SEMINÁRIO DE ASTI.

Num daqueles dias ensolarados e gostosos das colinas são martinenses, enquanto ainda brincava com meu irmão, meu pai chamou-me e disse:

- Filho, você já está grandinho e neste ano deverá frequentar a escola. Já providenciei tudo e posso até dizer que seu professor será o Pe. Silvestre Ponzo, você vai gostar muito dele.

O Pe. Ponzo, era natural de Castelnuovo Calcea, e além de amigo dos alunos, sabia ensinar muito bem. Ele foi durante todo o primeiro grau o meu professor.

Naquele ano comecei frequentar a escola e passei a gostar muito do Pe. Ponzo, tanto é verdade que quando terminei o curso, cheguei a escrever no meu caderno que conservo até hoje, estas palavras sobre este meu primeiro professor:

"Nunca me esquecerei do amor e da bondade que o senhor sempre demonstrou. Eu o lembrarei todos os dias com muito carinho, e gostaria de provar-lhe o quanto sou-lhe grato e o quanto de afeto eu lhe tenho e terei para sempre."

Bem ambientado no grupo escolar, comecei distinguir-me dentre os meus companheiros pela minha inteligência e vivacidade assim como pelo empenho nos estudos, o que proporcionou-me uma superioridade dentre meus colegas, motivo este de muita alegria para meu pai. Isto valeu-me este conselho:

- Meu filho, eu sei que na escola todos gostam muito de você, justamente porque você é educado, estudioso, bondoso e preocupado com todos. O Pe. Ponzo está muito contente com você. Eu quero que continues assim e o seu futuro será muito próspero.

- É verdade. Papai disse-me uma coisa muito certa, pensei comigo mesmo. Mas não farei disto motivo de orgulho ou vaidade. Ainda esta noite, agora que estou com dez anos, vou escrever com letras bem visíveis no meu caderno, este pensamento que passou pela minha cabeça:

"Um lampadário cheio de óleo brilhava e estava assoberbado pela sua própria luz, quase parecendo ser mais luminosa que a luz do sol. Mas de repente veio um vento e o apagou... Isto quer dizer que não podemos nos ensoberbecer pelas nossas qualidades."

O professor Pe. Ponzo, admirava e reconhecia as minhas qualidades, assim como também meu jovem pároco, Pe. João Batista Torchio, um sacerdote enamorado de Deus e um verdadeiro pai para todos os paroquianos.

Comecei frequentar a paróquia com meu pai e meus avós. Eu gostava de escutar as homilias de Pe. Torchio, e sempre tirava um tempinho após a missa para rezar com os olhos voltados para o sacrário.

Meu bom comportamento e a frequência nas liturgias chamou a atenção de Pe. Torchio que logo convidou-me para ser coroinha. Passei então a ajudar e a servir ao altar, e contemporaneamente iniciei a catequese em preparação à minha primeira comunhão. Isto fez com que eu intensificasse minha presença na paróquia, passando a participar da missa todos os dias.

Meu tirocínio de formação catequética continuará até o dia 15 de agosto de 1855, festa de Nossa Senhora da Assunção, quando acompanhado de outros 290 colegas, recebi a Crisma, pelas mãos de Dom Felipe Ártico.

Depois da festa paroquial e de uma outra feita em casa, P. Torchio fez-me o convite para ser catequista dos menores. Radiante pelo convite, refleti sobre tal responsabilidade e disse a mim mesmo:

- Agora, que já estou crismado, tenho a obrigação de ser um pequeno apóstolo de Cristo. Devo levar os outros à Deus, ao catecismo, à Igreja... Sim, esta já era a minha vontade e o Pe. Torchio intuiu o meu desejo. Embora eu tenha ainda 11 anos ele achou-me capaz desta responsabilidade. Aceitarei o convite e procurarei fazer o melhor possível.

Assim comecei minha nova tarefa. Preparava bem as lições sob a orientação de meu pároco e até cheguei a escrever em meu caderno de preparação ao catecismo uma tese sobre a existência de Deus, onde descrevi um diálogo entre um jovem laureado que em nome da



ciência tentava negar a existência de Deus e uma criança do 3º ano escolar, que o questionava sobre quem nasceu primeiro, o ovo ou a galinha. E em base ao chamado "princípio da causalidade", o jovem laureado foi forçado a admitir a existência de Deus.

Minha ocupação não compreendia apenas os assuntos relacionados à escola e à igreja, mas sentia meu coração sensível e inclinado para com os pobres e os doentes.

Gostava de ajudá-los e visitá-los. Durante toda a minha adolescência tive diante de meus olhos as cenas tristes da mendicância e ao procurar ajudá-los, sentia aquela minha atitude que estava diante de Jesus sofredor.

Lembro-me de uma cena que tocou de perto meu coração ainda adolescente:

- Um dia estava passando pelas ruas de São Martinho um pobre velho mendigo. Alguns de meus colegas, ao vê-lo, começaram a caçoar e rir dele. Ao ver isto, quase que por um impulso fui em sua defesa, conduzi-o até a minha casa, e dei-lhe comida e um pouco de roupas.

Mas não pensem que somente eu fazia estes pequenos gestos de caridade. Eu conheci outras pessoas que faziam isto também. Lembro-me de um menino que todos os sábados levava um pouco de vinho a um velho doente. E ainda de um outro que ao invés de querer um sanduiche pelo seu café da manhã, pedia à sua mãe que lhe desse uma moeda cada dia, e assim, todos os domingos levava este dinheiro que economizava para um velhinho que comprava um pouco de carne para o almoço do domingo. (1)

O exemplo da bondade e do coração generoso de José será depois, mais tarde confirmado pelo seu irmão Vittório:

- Meu irmão em casa era muito obediente ao nosso pai e avós. Gostava do recolhimento, do silêncio e de ler bons livros.

Não era um menino de diversões e de sair de casa. Mas nunca se esquecia de ir logo pela manhã à missa e de rezar com devoção. Além do mais, era muito caritativo para com os pobres. Educado e inteligente, era sempre o primeiro da classe.

Tinha muitos colegas, e um deles, companheiro de classe, o recordará com estas palavras:

"José tinha uma boa índole, um temperamento calmo e era tímido, mas sempre estava de bom humor. É simplesmente impossível exprimir com palavras o tamanho de sua bondade.

Nas férias de 1856, eu tinha terminado de cursar o 1º grau e de modo brilhante. Meu pai, orgulhoso pelo meu bom desempenho resolveu, premiar-me com uma viagem à cidade de Savona. Era a primeira vez que eu faria uma viagem considerada longa, assim como iria conhecer novos lugares e também o mar.

Em Savona passei bastante e conheci vários lugares, mas particularmente dois destes marcaram profundamente a minha sensibilidade. Um deles foi o Palácio episcopal onde o Papa Pio VII tinha sido prisioneiro de Napoleão. Ali meu pai explicou-me que o Papa tinha sido feito prisioneiro no dia 06 de julho de 1809 e depois de conduzido, diante do General Miolly, ficou durante 3 anos prisioneiro dos seus inimigos, sendo depois, deportado para a

Fontanebleau. O outro lugar foi o Santuário de Nossa Senhora da Misericórdia, onde Nossa Senhora tinha aparecido para Antonio Botta no ano de 1536.

Estes dois lugares, marcaram-me de maneira especial. Deixaram-me vibrando de afeição pelo Papa e pela Igreja. Lembro-me que no Santuário, rezei ajoelhado diante da Imagem da Mãe de Deus. Fiz um longo e silencioso colóquio com ela. Não me lembro o que falei, só sei que meu pai já tinha visitado tudo e estava impaciente me esperando. Senti-me tomado e envolvido pela sua proteção e ao mesmo tempo bateu forte dentro do meu coração uma voz, que dizia: Devo ser um padre!

Papai, apressou-se em mostrar-me mais alguns lugares da cidade e depois juntos fomos até a estação ferroviária, pois já era hora de tomar o trem e voltar para São Martinho.

Porém, meu pai percebeu em mim algo de estranho, talvez porque meu silêncio era mais forte e acentuado do que aquele a que comumente eu era acostumado. Porém não lhe disse nada. Foi só ao longo da viagem que enchi-me de coragem e disse-lhe que estava pensando seriamente de ingressar no seminário e seguir a carreira eclesiástica.

Estas minhas palavras foram uma ducha de água fria em cima do meu bondoso pai.

- Meu filho, eu nunca imaginei esta carreira para você. Sempre lhe vi como um perfeito modelo de comerciante, embora você não seja de falar muito. Eu vejo para você uma boa carreira para o comércio.

Não contestei as observações de papai, mas também não lhe dei esperanças de que um dia poderia ser um comerciante. O certo é que durante todas aquelas minhas férias de verão, não me fugia da mente o impelente desejo do chamado ao sacerdócio.

Precisava comunicar este meu desejo para alguém, além de meu pai. Desejava abri-me, aconselhar-me, decidir-me. Por isso, fui conversar com meu pároco, Pe. João Batista Torchio, e ele incentivou-me muito dizendo-me que eu tinha a vocação sacerdotal.

Depois do aconselhamento com Pe. Torchio, decidi-me comunicar a papai que resolvi ir, após às férias, para o Seminário de Asti. Ele sofreu com esta minha decisão, porém não se opôs e procurou providenciar tudo o que eu precisava para ser um seminarista. Com o sim de meu pai, comecei preparar-me para a nova aventura, sempre com aquele firme pensamento: Eu serei um padre.

Enfim chegou o dia esperado; era 31 de outubro de 1856. Eu tinha meus 12 anos completos. De malas nas mãos, fui cordialmente recebido pelos superiores do seminário de Asti. Logo, enturmei-me com outros seminaristas que como eu tinham o mesmo pensamento.

Minha primeira visita juntamente com os meus colegas foi ao nosso bispo Dom Felipe Ártico, um bondoso homem que desde 1849 estava em Castelo Di Camerano. Tinha sido vítima da perseguição implacável à igreja. Foi assim que eu comecei a minha caminhada de aspirante ao sacerdócio; diante de um mártir, vítima da perseguição por causa de Cristo.

Instalado no seminário, naquela mesma semana eu iniciava juntamente com outros 25 colegas de classe, as aulas. Tinha recebido o hábito religioso e também algumas instruções práticas do clérigo João Boeri, designado pelos superiores como responsável pelo grupo.

Este, já no primeiro dia de aula marcou duas notas para mim, uma pela aplicação aos estudos e a outra pelo meu comportamento. Pelas ambas, recebi dez.

Eu tinha deixado o meu ambiente familiar, a minha liberdade das colinas de São Martinho, meus amigos e meu povo simples, mas sentia-me muito contente. Era um novo mundo para mim, sentia o ambiente do seminário um pouco autêntico, afinal eu não estava acostumado com regulamentos e horário para tudo, mas não só era consciente, assim como também informado de que tal procedimento era necessário para a condução, daquela centena de seminaristas que formavam o seminário.

Nosso responsável pelos estudos era o Cônego Carlos Vassallo, um padre de grande valor que dava muita importância para a formação humanística filosófica dos seminaristas.

Embora eu sempre fosse aplicado nos estudos e assim permanecesse, os resultados do meu 1º ano escolar no seminário não foram dos melhores. Recebi apenas um dez em disciplina e comportamento. É claro que contribuí para esta baixa, um pouco de doença, que nos últimos meses, prejudicou-me nos estudos.

Meu 2º ano escolar, foi diferente e tudo melhorou. Sentia o seminário como minha casa e meus colegas como minha família. Meu rendimento escolar incluiu um dez em latim e também em disciplina. Consegui fazer boas amizades entre os meus colegas, os quais passaram a me estimar e a me respeitar. Alguns dos quais como: Estevão Delaude, José Riccio e Tiago Gay, tornaram-se meus grandes amigos e compartilharam muito de minha vida e de meus sentimentos.

Acostumado à vida de seminário, sentia o dia a dia normal, os estudos, as missas e meditações todas as manhãs, a visita ao Santíssimo na capela, a reza diária do terço, o silêncio, os dias de retiro... Na verdade, sentia-me atraído para aquela vida, tinha um forte desejo de chegar a uma grande meta e por isso esforçava-me para ser bom e exemplar. Neste sentido, era-me de grande ajuda a frequência da confissão semanal e da direção espiritual com o Cônego Luiz Martini.

Eu tinha 14 anos quando o meu bispo Dom Felipe Ártico obteve o reconhecimento de sua inocência ainda em exílio. Mas o dedicado bispo já não tinha mais forças para continuar como pastor da diocese de Asti.

Por isso, pediu a renúncia do cargo e se retirou num mosteiro dos Camaldolenses em Roma.

Neste ponto de minha vida, eu conhecia bem a problemática disseminada pelos governantes de então. Os nomes de Cavour, Siccardi, Rattazzi e outros, eram bem conhecidos, e como filhos da revolução francesa sentiam-se no direito de pisar nas pessoas e instituições, particularmente na Igreja e tudo isso em nome da "liberdade-igualdade e fraternidade". Tanto o clero como as freiras eram desprezados, humilhados, perseguidos e roubados em seus direitos.

Este clima hostil e a prepotência de alguns de nossos políticos, chateavam-me muito e isto começou gerar uma certa confusão em minha cabeça. Mas mesmo assim ardia dentro de mim um fogo pela causa de Jesus que me motivava e me impulsionava a continuar firme em meus propósitos.

Todo este fermento revolucionário em que eu vivia, assim como os demais seminaristas, trazia uma série de conseqüências em nossas vidas. Tinha apenas 15 anos quando diante deste absolutismo politiquero, Napoleão III, declarava guerra contra a Áustria, que teria como conseqüência o domínio do Piemonte sobre as regiões do norte da Itália. A guerra fez com que em Asti, assim como em outros lugares, muitos seminários fossem tomados pelas tropas para servirem de quartéis e hospitais e com isso, os seminaristas foram dispensados por alguns cantos da cidade ou enviados para as suas famílias.

A guerra trouxe-nos sérias dores de cabeça. Eu bem me lembro que estávamos no mês de março de 1859, quando chegou o decreto de que a partir de então o nosso seminário se tornaria o 11º Regimento de Infantaria e depois de dois meses tornou-se também hospital militar.

A guerra expandiu-se cada vez mais sob o comando de Napoleão e a ação de seus soldados. Alguns de meus colegas embora contrariados tiveram que voltar para suas casas. Eu, ao invés, relutei a esta exigência e continuando firme no meu propósito, passei a morar junto com uma boa família de Asti, e não obstante as dificuldades, continuei os meus estudos e terminei o ano escolar quase regularmente.

Terminado o ano escolar fui passar minhas férias em São Martinho, mas estava inquieto, pois preocupava-me muito a situação do meu seminário e de meus colegas, quase todos dispensados. A situação para o ano vindouro era certo que não modificaria. Meu seminário continuava ocupado pelos soldados e inclusive a Cúria Episcopal, visto que a sede diocesana era vacante, tinha se tornado em quartel general de administração militar.

Eu continuava ainda com meus 15 anos e no fim do mês de outubro de 1859, reiniciava os meus estudos em Asti, continuando como hóspede na mesma família. Junto comigo levei o relatório que o meu pároco, Pe. Torchio tinha feito sobre a minha pessoa, durante o período que passei de férias. Era uma norma que os párocos enviassem um parecer sobre o comportamento dos seminaristas. Entreguei-o ao Pe. Vitaliano Sossi, visto que não tínhamos o bispo e continuaríamos a não tê-lo até 1867.

O relatório sobre o procedimento que o Pe. Torchio fez sobre mim não foi muito otimista, assim como de um outro meu colega. O clima que tínhamos vivido fora do seminário, a falta da vida comunitária e o ambiente não adequado para formação vivenciado naquele período antes das férias, tinha influenciado a nossa caminhada de até então. Meu pároco fazia notar ao diretor do seminário a minha indolência, sobretudo a minha pouca freqüência à eucaristia.

Sinto muito, dizia o Pe. Torchio, de não poder dar-vos boas referências à vossa pessoa, sobre os dois seminaristas. Estes foram assíduos às funções litúrgicas até a um certo ponto, mas raramente eles receberam os sacramentos. Recomendo que peçais contas aos dois sobre a pouca freqüência aos sacramentos e espero que a vossa autorizadíssima voz os ajudará muito para o cumprimento do dever, despertando-os daquele estado acidioso que parece-me ser neles a pior coisa.

A carta do meu pároco foi certamente dura, mas meus superiores foram compreensíveis com aquele meu comportamento, afinal, durante quase todo o ano escolar transcorrido, eu não tinha tido mais a normalidade da vida do seminário.

Compreendido e incentivado por meus superiores, iniciei o novo ano com muito empenho. Não titubeei nos estudos, passei a estudar e ler o latim desde Cícero até Horácio e naquele ano tive a nota máxima em quase todas as matérias, inclusive naquela do comportamento, embora eu não vivesse no seminário.

A esta altura eu já não era mais uma criança; tinha meus 17 anos e começava prevalecer em mim um efetivo interesse pelos estudos, assim como começava a ligar-me mais com os problemas da Itália, embora o meu ideal, o sacerdócio, eu o tinha límpido e cristalino diante de meus olhos.

Interessava-me pela retórica e comecei a sentir um grande prazer em escrever poesias. Sobre os meus cadernos começaram a aparecer em forma desordenada às vezes uma dedicatória à Pátria, outras vezes uma poesia ou algumas frases que depois eu as rabisquei, tais como esta que dizia: "As coisas da Itália não irão bem sem a participação do sabio Marelllo." Entre as páginas de alguns de meus cadernos, desenhei também o Rei Vittório e Garibaldi, os quais ocupavam um lugar de destaque na sociedade e influenciavam muitos jovens.

A ausência de um bispo para Asti, deixava a diocese desgovernada, e com isso ocasionava uma certa divisão no clero. Além do mais, em seguida, veio a faltar o Reitor do Seminário e com os seminaristas que voltaram de suas famílias, espalhados pela cidade, apareceram mais dificuldades. Por isso, o Pe. Sossi responsável pela diocese, sentiu a necessidade de no início deste mesmo ano de 1860, pedir a ajuda de Dom Bosco para assumir a formação de alguns seminaristas. E Dom Bosco prontamente assumiu vinte seminaristas em seu oratório de Valdocco, mas eu não fiz parte deste grupo, pois tinha sido promovido ao 1º ano de Filosofia, saltando um ano de estudos.

Aquele meu primeiro ano de Filosofia, trouxe-me o conhecimento de novos professores. Empenhei-me muito nos estudos, logo naquele início de ano. Lembro-me que fiz um trabalho filosófico escrito em latim sobre a ligação que deve existir entre a razão e a divina revelação. Foi um raciocínio onde eu afirmava que o homem quando nasce, traz consigo uma luz que lhe faz penetrar as coisas do mundo e pode conhecer as coisas criadas, mas não vai além disso. Mas para chegar até Deus, o homem só poderá através da fé em Jesus Cristo. A conclusão que eu tirei neste meu raciocínio é que a luz da razão e aquela da fé provém de Deus. Portanto, para não se admitir contradição em Deus, é preciso que a razão e a revelação sejam contrastantes, mas que haja entre ambas um conúbio.

Naturalmente a elaboração deste meu trabalho exigiu de minha parte muita pesquisa desde os filósofos Kant, Fichte até Hegel. Fui elogiado pelo meu trabalho e é claro que tudo isto me enaltecia, mas bem lá no fundo, algo me preocupava, pois percebia que a razão começava a prevalecer, enquanto que a fé parecia que aos poucos estava se enfraquecendo dentro do meu coração.

Terminei aquele ano sendo o primeiro da classe e logo em seguida fui de férias para São Martinho, era a metade do mês de junho de 1861.

Pela primeira vez, não me sentia bem comigo mesmo, fazendo com que aquelas férias fossem horríveis. Já não me sentia mais um apaixonado por Deus como era antes. Interiormente me sentia perturbado, triste e desencorajado.

Finalmente chegou o momento de voltar para o seminário; muito embora desmotivado voltei e tive forças para recomeçar os estudos enquanto continuava morando na casa daquela boa família que me hospedava, visto que o nosso seminário continuava ainda nas mãos dos militares. Devido à instabilidade, alguns dos seminaristas tinham ficado em suas casas naquele ano. Por minha sorte, meus grandes amigos, Delaude, Motta, Vespa e Riccio, ajudaram-me a manter meu ânimo.

Em Asti recomeçava portanto, mais um ano de estudos. Seriedade e empenho para estudar não me faltou, tanto é verdade que tive melhores resultados que nos anos anteriores. Mas isto não era tudo, eu compartilhava todos os dias a oposição ferrenha à igreja particularmente por parte dos maçons, dos liberais e dos radicais, e isto me preocupava. Neste contexto, tantos os sacerdotes como os bispos e o próprio Papa Pio IX, eram vistos e tidos como inimigos da Itália. Por outro lado a conduta do clero não era sempre exemplar. Alguns eram expulsos de suas províncias e davam maus exemplos. Então eu me perguntava: Como será a minha vida amanhã em meio de todas estas contrariedades? Será que valerá a pena ser padre, quando muitos do clero não eram exemplares?

Diante deste emaranhado de confusão e questionamentos, uma idéia começou atormentar-me continuamente: Ser um jornalista, um líder do povo, ou ao menos ser algo que caracterizasse um empenho forte no mundo. Eu que sempre tinha sido sincero comigo mesmo chegava à conclusão naquela encruzilhada da minha vida, que tornar-se padre daquela maneira e naquele contexto não valia a pena. Era portanto, melhor ser um bom cristão dentro do mundo.

Terminei aquele ano atormentado por este pensamento sem manifestar muito minhas apreensões, talvez porque era tímido ou porque tinha receio de expor-me. Mas ao voltar a casa de férias, confidenciei tudo ao meu pai. Ele ouviu-me atentamente e depois aconselhou-me a ir experimentar minha vida fora, buscando outros caminhos para a minha realização.

Todo aquele período de férias, a exemplo do ano anterior, foi muito difícil para mim. Questionava-me, escrevia aos meus amigos, rezava, mas não como antes e com aquele fervor. Era a minha crise.

### III - DO "SALTO DO RUBICÃO"

- Prevaleceu em mim a idéia de não mais voltar ao seminário, e assim, ajudado pelo meu pai fui morar em Turim, junto com uma família conhecida. Era o início do ano escolar de 1862. Agora já com meus 18 anos, encontrava-me na grande cidade de Turim. Matriculei-me numa escola técnica para o curso de agrimensor com este curso uma vez concluído eu teria a possibilidade de ser um profissional do ramo. Deixava, assim e nem sei o porquê, a Filosofia, a Literatura Latina, e Italiana que tanto me fascinava e mergulhava totalmente na matemática e no desenho. Para este curso, eu tinha o apoio do engenheiro Luiz Bechis, um amigo de minha família.

Lembro-me que uma das minhas tarefas que executei dentro do novo curso, foi o desenho, um mapa de uma estrada que deveria coligar São Martinho com São Domiano D'Asti (2)

Dentro da nova realidade, tudo dava a entender que eu tinha encontrado o meu lugar, sentia que agora sim eu seria "alguém". Chegaria a uma profissão importante e além do mais, meu pai estava contente comigo.

Corrigir a rota da minha vida parecia-me muito importante, tanto é verdade que eu denominei aquela minha tomada de posição como o "Salto do Rubicão", uma guinada que parecia não ter mais retorno.

Mas bem logo a realidade que parecia um vislumbrar brilhante para a minha vida, começou tornar-se nua e crua. Percebi que o mundo que me circundava era cruel. Que a cidade estava infestada de idéias burguesas liberais e conduzida por um pensamento Laico-Illuminista, que pretendia uma sociedade sem Deus, sem a interferência da igreja, mas sim guiada apenas pela razão, acavalada numa religião natural, absolutizando na terra o homem como o único protagonista, e portanto, excluindo por completo Deus que deveria ficar enclausurado nas nuvens do céu.

Todo este pluralismo e confusão de idéias era defendido por alguns intelectuais e pelos políticos de então. Nos jornais, as palavras de ordem era liberdade, modernidade, progresso, filantropia e humanismo. Tudo belas idéias, mas como? Faltava Deus!

Jovem entusiasmado com o amanhã e contaminado pelo ambiente eclético-atéístico Torinense, levei para frente minha idéia de um novo futuro. Por isso, minha nova experiência levou-me a frequentar os "meetings" das lojas maçônica, as amizades políticas dentro daquele ambiente de ceticismo. E o pior, deixando de ser para Deus, comecei a viver para um ídolo de carne e depois para um outro ídolo bem mais ciumento e exigente: a ambição. As sedutoras perspectivas e as meigas promessas desta enganadora divindade tinham-me aferrado de uma certa maneira que eu não podia pensar em outra coisa a não ser o que eu cunhei de "apostolado humanitário".

Neste ambiente podre, o prazer sensual imperava, a concupiscência convivía livremente no meio da juventude, e com isso o estímulo aos prazeres da carne.

Tudo isto eu vivi e senti, e deste clima eu respirei, mas eu tinha consciência que no fundo do meu coração a razão pela qual eu ali me encontrava era por este ídolo da ambição e isto feria-me, angustiava-me e incomodava-me tanto que cada vez eu sentia-me mais triste.

O ambiente em que eu vivia não me deixava contente e questionava-me. Na verdade, eu me sentia mesmo como um peixe fora da água, e por isso mesmo, mantinha-me distante de tudo aquilo que podia manchar a minha alma. Todos estes perigos, assustavam-me muito; eu não era a pessoa adequada para aquela realidade.

Diante deste ambiente impróprio, meu passado não saía da mente, particularmente veio-me com insistência a figura materna de Maria, aquela que tinha anos atrás iluminado a minha vocação, para o sacerdócio e também me conduzido durante a minha infância. Meu estado de ânimo era outro, perceptível sobretudo pela minha tristeza que embora tentasse esconder, ficava estampada em meu rosto. Constatando tudo isto em mim, veio-me ao encontro o amigo engenheiro Bechis que bondosamente aconselhou-me dizendo:

- José, volte para o seminário. Tenho certeza de que lá você encontrará serenidade. Estou convencido de que você não é feito para este mundo; a sua vocação e para ser padre.

Escutei-o com atenção, mas entretanto continuava ainda persistindo no meu intento. Mais um pouco, e um ano que eu teria passado dentro daquele ambiente Torinense, quando em dezembro de 1863, todos os meus sonhos de construir uma nova sociedade começavam efetivamente desaparecer como uma fumaça nos ares. Repentinamente, via-me imóvel, em cima de uma cama afetado pela febre tifóide e ali percebi que minha vida corria perigo seriamente. A febre me queimava e eu delirava. Sentia que aos poucos minha vida estava definhando. Não sei bem como explicar, mas alucinado pela febre, estampava-se diante de mim uma imagem tênue, onde parecia eu estava vendo uma batina. Estava ainda lúcido, e interpretei que semelhante cena era um aviso de Deus, e sem muito esperar invoquei com todas as forças do meu coração a proteção da Virgem Maria, e um outro sinal, e assim quero interpelar, questionou-me mais, pois senti naquele momento bem no meu íntimo que a Virgem, dizia-me para voltar para o seminário e só assim eu ficaria curado, caso contrário nada restava, só morrer.

Durante todo este período de minha doença, meu pai sofria e estava sempre ao meu lado, aflito e procurando fazer tudo que estivesse no seu alcance para que eu sarasse. Não consegui reter somente para mim tudo o que estava se passando no meu interior, nem mesmo a visão premonitória que tive. Por isso, dirigindo-me a ele, meu pai, com a voz fraca e emociado disse-lhe:

- Papai, o senhor pode não acreditar, mas eu só ficarei curado se voltar para o seminário e retomar a minha vocação, que abandonei.

Aquele foi um dos momentos inesquecíveis de minha vida, pois vi meu pai emocionado e derramando suas lágrimas sobre o meu rosto, dizer-me imediatamente:

- Se é assim meu filho, volte hoje mesmo ao seminário, contanto que você fique curado.

As palavras de meu pai, ressoaram-me como um bálsamo, pois a doença tinha me transformado, brilhando os meus olhos para o engôdo das vaidades que eu estava cultivando até então. Minha cura foi imediata e tão logo sentia-me bem, apressei-me voltar para São Martinho e ali, logo depois de alguns dias de repouso, no dia 09 de janeiro de 1864, diante do altar da Igreja paroquial e junto com a Assembléia litúrgica, meu pároco Pe. Tórchio, revestia-me para sempre com a veste religiosa. Tudo o que eu tinha passado, minhas pretensões desalineadas, tinha sido uma forte lição para mim, mas feliz daquele que passou pelos perigos dos vagalhões e conseguiu voltar à praia .

Totalmente recuperado da saúde e sentindo-me bem comigo mesmo, regressei ao seminário, ou melhor, fui destinado à Cúria Episcopal, porque o seminário estava ocupado pelas tropas militares. Era o dia 09 de fevereiro de 1864. As aulas já tinham sido iniciadas há alguns meses, e para mim era um desafio o estudo, pois precisava recuperar o tempo perdido. Ao chegar para retomar a nova vida, fui muito bem recebido pelos meus superiores e pelos meus colegas. Nunca me esqueci das palavras de Pe. Sossi ao meu regresso - "Para você Marelló, as portas do seminário estão escancaradas! "

Reencontrei muitos dos meus amigos e firme, recomecei meu primeiro ano de teologia. Como afirmei, tive que estudar muito, pois tinha perdido três meses do ano escolar, mesmo assim, minhas notas foram brilhantes.



É indispensável dizer que depois da experiência em Turim, uma das coisas que eu mais procurei recuperar imediatamente foi a direção espiritual e me propus encontrar-me duas vezes por mês com o Cônego Martini.

Desenvolvi também a partir de então uma profunda e sincera amizade com meus amigos, particularmente com Delaude, Riccio, Rossetti e Motta. Com estes eu passei muitas vezes, alguns dias de férias em conjunto e os hospedava em minha casa em São Martinho. Com eles eu manterei uma intensa e sincera amizade.

Para mim era o início de uma nova etapa, para a minha vida. A esta altura eu já era um jovem de 20 anos e estava seguro de que tinha encontrado o caminho certo na vida, pois Deus tinha feito vingar, aquela sementinha que um dia ele em mim plantara, para tornar-me um seu ministro.

Sentia-me muito bem protegido dentro do novo ambiente, mas a fúria dos iluministas, dos racionalistas, dos maçons e de todos aqueles "modernos", que entendiam modernidade como afirmação absoluta do homem, continuava castigando o Papa e toda a Igreja. As arbitrariedades do Estado atingiram até o novo seminário, acusando-o de mau exemplo de funcionamento na formação científica e literária. Acusaram-nos também de propagadores de idéias anti-nacionalistas. Felizmente o Pe. Sossi soube responder toda esta oposição ferrenha com muita capacidade e à altura calando assim a boca destes inimigos.

Convivendo neste clima e escaldado por tudo aquilo que tinha visto, ouvido e participado pouco tempo antes em Turim, sentia cada vez mais em meu coração que a única coisa que realmente valia a pena, era dedicar toda a minha vida pela causa de Cristo e de sua Igreja.

Para mim o estudo teológico era mais do que um exercício da razão, era vida, mesmo porque sentia-me bem alimentado por uma sólida instrução teológica e ancorado em bons teólogos assim como iluminado nos escritos dos grandes santos como São Francisco de Sales e outros reconhecidos expoentes.

Para mim o importante dali em diante era coordenar todos os meus pensamentos, todos os meus afetos, todas as minhas potencialidades em uma idéia fixa, viver naquela idéia, exaltar-me, sublimar-me e multiplicar-me naquela idéia ( C 9) . E esta idéia fixa era Jesus Cristo. Era tornar-se um seu ministro, um seu prolongamento no mundo.

Meus anos de estudos teológicos foram muito ricos, pois proporcionaram-me conhecer os textos mais abalizados e autorizados do pensamento católico, colocando-me conseqüentemente na escola dos grandes pensares que iluminavam a Europa com a luz da inteligência e da fé.

Posso dizer que ruminei os pensamentos de Pascal , que tinha um estilo literário que me fascinava. Do escritor Chateaubriand eu fui um apaixonado e li com muito entusiasmo sua obra."Os Mártires do Cristianismo", este era um escritor que criava pistas para se viver o catolicismo naquela cultura devastada e sem Deus. Manzoni, o grande escritor Lombardo, com sua obra "I Promessi Sposi", me fazia sentir Deus como guia da história e dos homens.

Que diferença se delineava no meu pensamento nesta nova etapa em relação à passada! Pois durante os meus estudos em Turim eu bebia Gerolamo Boccardo, particularmente o seu "Tratado Teórico e prático de política Econômica", que induzia-me

ver e crer a busca das certezas para a vida e para toda existência na astronomia, na medicina, na física e na economia, banindo assim toda a segurança da filosofia e mais ainda, na teologia.

Na verdade, foram estes os erros fundamentais que o Papa Pio IX condenou no "Sillabo" aos 08 de dezembro de 1864.

Ciente de tudo isso, joguei-me de corpo e alma no Tonismo, naquela síntese maravilhosa da melhor sabedoria Socrático, Aristotética. iluminada pela revelação divina. Seu eu era capaz de manter um raciocínio com síntese e análise, com introdução e analogia, era justamente graças a estes bons livros que me conduziam.

Havia em mim um grande desejo de conhecer, estudar e aprofundar-me, mas queria que tudo isso fosse depois esteio para minha missão. Por isso, eu estava certo de que não bastavam os estudos, o contato com as obras dos grandes pensadores católicos. Era preciso na minha preparação ficar atento a tudo aquilo que o fermento católico de então, através de grandes homens, promovia no seio da Igreja. Por isso, propus-me pessoalmente seguir conforme podia todos estes valores latentes, e segui com atenção a 3ª Conferência de Notre-Dame, organizada por Félix Dupanloup no ano de 1867 na cidade de Malines, na Bélgica, cuja finalidade era definir os objetivos da ação católica que começava dar seus primeiros passos, colocando os leigos como testemunhas de Cristo no trabalho, nas escolas, nas tarefas políticas e sociais. Já no ano seguinte, uma nova oportunidade, pois Dom Doutreloux, bispo de Liège, organizou o "Congresso das Obras Católicas" para orientar na formação de um laicato forte e atuante na Igreja e na sociedade. Eu estava com meus 23 anos e segui atentamente todas as crônicas e informações de Malines e de Liège.

Passada assim de uma maneira bastante pormenorizada em minha mente aquela diversidade absoluta que reinava em nossos dias entre a revolução daqueles que pretendiam banir Deus e a renovação com Deus que construía e salvava.

Senti meu coração dolorido quando deparei-me com a realidade de que entre as onze proposições de Garibaldi no Congresso de Genebra, estavam aquelas da supressão do papado e a substituição do sacerdócio católico pelo sacerdócio da inteligência ou não sei se por ironia da ignorância.

A Bíblia era para mim a fonte que nutria diariamente a minha vida e colocava-me em comunhão com Deus. Todos os dias eu lia e a meditava, pois era a fonte inexaurível da verdade. Ao mesmo tempo, tornei-me ávido leitor de livros de espiritualidade, particularmente da vida dos santos. Nestes eu encontrava um estilo para agir e viver. Posso dizer que li com prazer Santa Mônica, mãe de Santo Agostinho, Santa Joana de Chantal Co-Fundadora com São Francisco de Sales das irmãs da Visitação, Santa Margarida Maria Alacoque. Também Lacordaise fez parte da galeria dos meus escritores prediletos. Dele li com muito afeto "As Conferências sobre o Cristianismo", onde demonstra com toda propriedade a beleza e a verdade contida com Jesus Cristo.

Ao longo de 3 anos eu fui me moldando e me iluminando com a presença amiga destes escritores. Tomei o gosto pela leitura, coisa que fazia diariamente, e com isto eu recebi um vasto material sobre o qual depois me debruçava para examinar as chagas daquela minha sociedade. Pensei até em publicar um livro sobre tudo isto, com a pretensão de ler a história com todos os seus problemas à luz de Cristo, demonstrando que sem ele o

mundo não se sustenta, mas desmorona-se totalmente. Este seria a meu ver uma obra Apologética. Meu desejo, porém não se concretizou, um pouco devido às dificuldades, outro porque achei que seria melhor continuar lendo, meditando e aprofundando as obras dos grandes luminares cristãos de então.

O tempo corria veloz e meus anos de estudos, já se delineavam para o fim, A este ponto adquirido uma boa experiência de vida em comunidade e uma certa maturidade, a ponto de meus superiores confiarem-me o encargo de assistente dos clérigos de Filosofia. Tornei-me dali em diante o guia dos meus colegas mais jovens, incentivando-os e sobretudo ajudando-os nas dificuldades. Foi uma ótima experiência, pois os clérigos gostavam muito do meu jeito de tratá-los e inclusive me admiravam. Talvez porque quando devia fazer-lhes alguma correção, sempre procurava fazê-la de maneira dócil e persuasiva.

Este primeiro encargo que eu recebia no seminário proporcionou-me também a possibilidade de ajudar financeiramente aqueles seminaristas pobres. Por isso, quando meu pai vinha visitar-me eu sempre lhe pedia um pouco de dinheiro para ajudar os mais necessitados. Lembro-me que meu pai de coração sempre bondoso, nunca me deixava sem nada, mas às vezes ele deixava escapar esta expressão:

- José, José, todas as vezes que venho aqui em seu seminário, você esvazia os meus bolsos.

Passei a ter com estes amigos um relacionamento mais contínuo: divertia-me com eles durante os recreios e fazíamos muitas coisas interessantes dentro do seminário, inclusive criamos um jornalzinho que reportava a vida e os acontecimentos do seminário. Naturalmente eu incentivava que cada um deles escrevesse algo como a matéria desta nossa pequena publicação interna, mas nunca consegui me safar da primeira página que era sempre desenhada e portanto, sob a minha responsabilidade.

Minhas férias antes do meu quinto e último ano de Teologia, foram bastante agitadas e passei quase o tempo todo fora de São Martinho, ao contrário do que eu fazia sempre. Nestas, ajudei na preparação da liturgia da missa pontifical do novo bispo de Asti, Dom Carlos Savio, o qual não o conhecia, mas logo ao vê-lo minha primeira impressão foi de que era um santo. Depois disto, fiquei muito envolvido na preparação do casamento de meu irmão Vittório com Luzia. Foram vários dias de preocupação, pois quase tudo ficou nas minhas costas, inclusive acompanhei meu pai já sexagenário, para fazer todas as compras da festa em Turim. Mesmo em Turim, aproveitei para visitar com meu amigo Rossetti o oratório de Dom Bosco e várias Igrejas, dentre as quais o Santurário de Nossa Senhora Auxiliadora, depois fui até ao cemitério para levar um ramalhete de flores e rezar um pouco no túmulo de minha mãe.

Com isso, as férias passaram como um relâmpago. Assim voltava novamente ao seminário, disposto a vivenciar meus últimos meses de preparação rumo ao sacerdócio. Formávamos uma classe de onze clérigos, dentre os quais estavam meus grandes amigos, Delaude, Riccio, Motta e Rossetti. Sendo meus últimos meses de seminário, propus-me orientar todas as minhas forças para Deus. Comecei examinar sinceramente minha consciência e ao mesmo tempo fiz um forte propósito de cumprir tudo aquilo que tinha colocado por escrito numa folha como se fosse um "Regulamento de Vida", que contemplava logo ao levantar-me. Dirigir meu primeiro pensamento do dia para Deus,

depois de combater todas as distrações durante as orações, impondo-me um rigoroso silêncio na mente e no coração. Propunha-me também de aproveitar no máximo o meu tempo em todas as circunstâncias, inclusive nos momentos de estudo. Comprometendo-me de igual modo a exercitar na virtude da temperança e na mortificação. A noite, antes de dormir de fazer um rigoroso exame de consciência e rezar o "miserere", invocar a Santíssima Virgem Maria, aos anjos e santos e dentre estes São José. A Eucaristia devia ter um lugar de destaque, assim como a Palavra de Deus. Eu via na Eucaristia, o ponto de minha transfiguração, onde Jesus Cristo, tornava-se o coeficiente infinito do meu ser.

Posso dizer que eu caminhava e caminhava a passos largos em direção daquele assustador dia de minha ordenação sacerdotal. Pedia portanto, que Deus inspirasse-me bons propósitos e me guiasse para que eu não me tornasse um guerreiro inápto. Não fugia do meu pensamento a idéia de que pobre seria aquele que pretendesse assumir o sacerdócio sem a força do Espírito Santo.

Firme nos meus propósitos, dava um grande passo em direção a meta fixada, quando no dia 06 de julho recebia o diaconato, e em seguida encerrava o meu tirocínio de estudos no dia 26 do mesmo mês com notas "Dez" em todas as matérias. Contento como uma criança, ao invés de ir de férias como fazia todos os anos, resolvi permanecer o seminário preparando-me mais intensamente para o sacerdócio. Neste interim, soube que o Pe. Antonio Binelli, assim como o Pe. José Serrataice foram pedir ao Bispo Dom Sávio para ter-me como vigário paroquial, mas o bispo respondeu-lhes que isto não era possível, pois eu devia ocupar outro encargo. De fato, um dia antes de minha ordenação sacerdotal, Dom Sávio chamou-me e disse-me que tinha escolhido a mim como seu secretário e que eu já devia preparar-me para acompanhá-lo a Roma, pela realização do Concílio Vaticano I. Naturalmente fiquei confuso diante de semelhante destinação que não me passava pela cabeça, mas era o primeiro pedido de meu bispo e não podia nem objetar. Por isso, aceitei.

Finalmente chegou aquele que para mim eu o tive como "o grande dia", o dia de minha ordenação sacerdotal.

Era 19 de setembro de 1868; naquele sábado, os sinos da Catedral, acordaram-me festivamente. Chegada a hora, a Catedral estava repleta de fiéis, dos parentes dos onze que seriam ordenados, dentre os quais dos meus que compareceram em massa. Dentro daquela igreja vibrava um coro uníssimo de orações e cantos solenes. Era muita "adrenalina" para um homem, por isso emocionei-me, chorei, lembrei em curtos espaços de tempo do meu passado. Acompanhei a solene liturgia com muita atenção, mas dela pouco posso lembrar. Em minha mente vem hoje meu gesto emocionado de prostrar-me por terra no piso coberto por um tapete da Catedral e o gesto da imposição das mãos de Dom Sávio e dos concelebrantes em minha cabeça. Finalmente tornava-me sacerdote e para sempre. Eu seria a partir de então definitivamente um representante de Cristo aqui na terra. Tinha alcançado a meta, e vencido as barreiras e dificuldades que acompanharam a minha caminhada, uma vitória graças sobretudo à bondade infinita de Deus e à maternal proteção da Virgem Mãe do sumo sacerdote Jesus.

O dia seguinte, após a minha ordenação era domingo, por isso meu primeiro compromisso foi celebrar minha primeira missa em São Martinho. O clima era agradável o panorama visual digno de um cartão postal, pois todas as colinas que rodeavam minha

pequena cidade estavam coloridas e refletiam nos olhos um tom róseo-vinho pela colheita das uvas. O céu era radiante de luz e começava o outono, mas para mim era meu primeiro dia de primavera.

Diante de minha gente que participou em massa, e assistido pelo meu bom pároco, Pe. Torchio, celebrei solenemente minha primeira missa. Eu tinha então 24 anos e com minha voz ainda trêmula pronunciava pela primeira vez diante do pão e do vinho as admiráveis palavras de Jesus: "Tomai e comei, isto é o meu corpo oferecido por vós, fazei isto em memória de mim. Tomai e bebei, este é o meu sangue da nova e eterna aliança..."

Pão e vinho por mim consagrados e depois distribuídos para o meu povo. Fiz minha primeira homilia, agradecendo o dom que Ele me havia concedido, agradei também todos os que tinham me ajudado a chegar até aquele patamar. Como lembrança deste grande agradecimento em minha vida, distribuí para todos um "santinho", onde no verso estava impressa a frase : *"Meu amigo em Cristo, aceite esta lembrança do mais lindo dia de sua vida que lhe oferece o neo-sacerdote Pe. José Marelló, na ocasião de sua primeira Missa"*, e sem dúvida era realmente.

Após a missa solene recebi com carinho e paciência todos os cumprimentos e parabéns de uma multidão que se amontoava para beijar-me as mãos e abraçarem-me. Minha família organizou uma bonita festa em minha casa, além dos parentes, muitos convidados amigos estiveram presentes.

No dia seguinte meu primeiro compromisso foi celebrar minha segunda missa no Santuário "Del Vallone", dedicado a nossa Senhora da Misericórdia; este pequeno Santuário ficava bem próximo de minha casa. Aquele lugar era-me muito familiar, pois ali eu tinha ido muitas vezes quando era ainda um menino para rezar aos pés de Nossa Senhora. Naquele dia como sacerdote fiz um agradecimento especial à Maria, sobretudo por ter ela me protegido e amparado ao longo dos meus anos de infância e juventude, pedi-lhe ao mesmo tempo que continuasse concedendo-me muitas graças para desenvolver um verdadeiro e santo ministério. A ela eu confiava o meu sacerdócio.

No dia seguinte, festa de São Maurício, um antigo mártir romano, sacrificado nos arredores de Turim, fiz um firme propósito por escrito: "No dia de São Maurício, diante do Senhor, prometo destacar-me das coisas deste mundo". Um propósito simples, mas eu senti que não podia fazer um outro diferente, pois afinal, eu tinha sido chamado para deixar tudo justamente para seguir Jesus Cristo, e agora somente a ele eu pertencia.

Passei assim alguns dias de férias como jovem sacerdote junto dos meus familiares, voltando em seguida para Asti, onde Dom Sávio esperava-me como seu secretário, era o dia 21 de outubro de 1868. Logo que comecei saborear o novo trabalho, escrevi a meu pai contando-lhe sobre minha nova vida e de que estava muito contente, particularmente pelo bom humor, pela espontaneidade e santidade de Dom Sávio. Para alegrar ainda mais o meu pai, disse-lhe que agora estava morando num palácio episcopal.

Entre meu bispo e eu, iniciou-se uma afinidade de pensamentos e sentimentos que foi crescendo sempre mais. Passamos a dividir dia a dia nossa existência, onde rezávamos, trabalhávamos e viajavamos juntos. Esta convivência foi-me muito benéfica, pois com ele eu aprendi muito, porque eu o via como um homem culto, bondoso e alegre em todas as circunstâncias. Era um verdadeiro pai para os seus sacerdotes, mantinha sempre

as portas da Cúria abertas para recebê-los, ajudá-los, não apenas como seus sábios conselhos, mas inclusive com dinheiro. Por isso, a Cúria Episcopal vivia todos os dias com grande afluência de cônegos, párocos e gente do povo, reforçando sempre mais o liame de amizade.

Ficou guardada na minha mente a dedicação e a atenção especial aos seus seminaristas, assim como destaque para incremento das vocações em sua diocese. Por isso, ele não deixava de frequentemente fazer uma visita ao seminário, onde sempre dirigia uma palavra sábia aos seminaristas.

Como secretário do Bispo, trabalho não me faltava. Uma de minhas primeiras tarefas foi justamente acompanhá-lo em Turim, onde permanecemos uma semana. Foram dias muito importantes para mim, pois em sua companhia, tive a oportunidade de conhecer grandes homens da Igreja Torinense, dentre estes destaco Dom Bosco, Murialdo, Anglésio, Bertagna, Carpignano e muitos outros. Foi uma experiência forte para mim jovem sacerdote. Por isso, logo em seguida escrevi ao meu amigo Delaude expressando minha admiração, onde dizia-lhe que a Igreja possuía ainda tantos recursos que era capaz de fazer tremer os seus inimigos.

Aliás, por falar em amigo, meus bons amigos de seminário que também tinham sido ordenados comigo receberam diferentes destinações, todos foram designados vigários paroquiais. Riccio foi trabalhar em Costiglione D' Asti, Delaude foi para Castell'Alfero, Motta para Viarige, Rossetti foi para Cortarze, Faggiani dirigiu-se para Frinco e Vespa para Castelnuovo Calcea. Todos nós ficamos espalhados, mas eu continuei mantendo com eles nossa velha e bonita amizade. Existia uma frequência de correspondência, e nos ajudávamos reciprocamente.

Meus colegas jovens sacerdotes, estavam imersos no Apostolado e eu ao invés, sentia-me mais um burocrata, mas que fazer? Meu ímpeto juvenil para o apostolado, para criar coisas novas na Igreja tinha sido substituído por um trabalho de escrivania. Logo descobri que cada um devia trabalhar com intensidade onde Deus propunha, eu devia florir e frutificar ali, onde Deus por enquanto tinha-me plantado. Além do mais, logo percebi e efetivamente descobri que naqueles nossos dias a oração tornou-se o maior e o mais poderoso dos apostolados. Sentia que cada um devia plantar, regar, segundo o desígnio de Deus, mas sobretudo era preciso ter os olhos fixos no grande Astro Divino de onde provinha todo o bem.

Os primeiros meses de sacerdócio tão velozes que quase não percebi: transcorrê-los e já estávamos na quaresma. Dom Sávio, aproveitando o tempo oportuno escreveu sua primeira carta pastoral para sua diocese sobre a educação cristã da juventude. No ano seguinte ele escreveu outra sobre a santificação das festas de preceito e ainda recomendava a catequese para a juventude. O apelo de Dom Sávio para preocupar-se com a formação da juventude, tocou-me de perto, assim imediatamente encontrei um tempo e pus-me a promover a catequese na diocese.

Com um espírito inovador, pensava que a catequese devia ser enriquecida com outros elementos, além daqueles convencionais já conhecidos. Por isso empenhei-me em encontrar subsídios e à medida que os encontrava, passava a enviar aos párocos, livros, santinhos, opúsculos, etc. para serem difundidos entre os jovens. Sugeri também que cada paróquia

organizasse uma pequena biblioteca, assim também como salas de leituras, encontros formativos para os jovens. Busquei subsídios do oratório de Dom Bosco e de outros lugares e quase sempre paguei tudo do meu próprio bolso. Além disso, como secretário eu escrevia muito aos párocos, sempre incentivando-os no empenho da formação da juventude e também na promoção da boa imprensa.

A catequese para a juventude como um meio forte de evangelização me fascinava muito, por isso, a partir da quaresma de 1869 comecei também ensinar catecismo para os jovens, três vezes durante a semana. O grupo formado era composto de aproximadamente vinte jovens com um grau de instrução bem variado, desde aqueles que ainda não sabiam ler ou escrever, até aqueles que já tinham frequentado alguns anos de escola. Eram jovens muito dóceis e atentos a tudo o que eu lhes ensinava.

Sentia-me muito feliz, pois era esta a missão do padre: fazer conhecer, amar e praticar a doutrina de Cristo. Era minha convicção de que devíamos ter o catecismo nas mãos, este livro por excelência, detentor da verdade, de um conselho e de um ensinamento para todos. Nesta ocasião eu escrevi uma carta a Delaude dizendo-lhe que o catecismo ensinava a arte de governar aos reis, traçava ao povo os princípios da igualdade, da liberdade, fornecia os critérios da legislação ao poder, regulava a administração dos bens públicos... Sim, para mim o catecismo era o regulador da sociedade justa e fraterna, do temor a Deus e do amor à Igreja.

Minha preocupação, embora não trabalhasse diretamente na pastoral, não era somente com a juventude abandonada e negligenciada, caluniada e muitas vezes duramente julgada em sua leviandade. Sentia-me também no dever de incentivar os padres, principalmente aqueles meus amigos. Por isso eu não me poupava e gastava horas de sono escrevendo-lhes um a um, oferecendo-lhes minha amizade como sacerdote, colocando-lhes aquilo que eu mais sentia em relação a Igreja e à fidelidade a Jesus Cristo, não deixava também de matê-los informados sobre os acontecimentos na diocese e também de brincar para suprir as muitas vezes que embora sem subir numa cátedra encorajava-os e quase que imperceptivelmente me passava por um diretor espiritual, mesmo porque eram eles muitas vezes a confiarem-me seus problemas e dificuldades. Dentre tantas passagens, lembro-me que a um amigo que passava por dificuldades escrevi-lhe estas linhas:

*Digo a ti apenas que consolides em cada momento a confiança no bom Deus e convence-te de que Ele às vezes nega consolações ao Espírito, mas não nos quer ver privadas da resignação à sua vontade que é a raiz de cada um dos nossos méritos".*

Outra vez, escrevi ao amigo Rossetti, aconselhando-o que era necessário obedecer sempre, não confiar em causa própria, no próprio critério, pois este é o segredo da vida cristã, o talisma da santidade .(1)

Ao meu amigo Delaude que passava por um certo desânimo escrevia-lhe estas palavras: "Coragem, não desanime, nesta passageira sonolência, que precede o despertar. No silêncio a alma se prepara para aquele grito altíssimo que deverá ecoar por todo mundo católico. No silêncio amoldam-se as grandes personalidades, como na concha humilde endurece a gota de orvalho que, transformada em pedra preciosa, embelezará a testa das filhas do rei".(2)

A este mesmo amigo eu lhe sugerí de não esquecer de rezar, trabalhar muito e de anunciar o evangelho com a própria vida e de ler a vida dos santos, porque todos temos a necessidade de elevar-nos um pouco à altura dos grandes modelos. Todos precisamos levantar-nos daquele baixo horizonte de pigmeus e assumir o lugar que nos convém como ministros do Senhor.(3)

O tempo transcorria rapidamente, estávamos quase no fim do ano 1869 e o Papa já havia publicado a bula de convocação para o Concílio Vaticano I, fixando a sua abertura para o dia 08 de dezembro daquele mesmo ano. Diante da alegre notícia, toda a Igreja começou a preparar-se para o evento. Em Asti iniciou-se um movimento de orações pelo êxito do Concílio. O meu amigo Delaude iniciava também em sua paróquia uma "cruzada" silenciosa de orações e mortificações pelo Concílio e eu logo que soube disso aderi com muito prazer a esta iniciativa rezando também por este acontecimento de suma importância para a Igreja. Da mesma forma os bispos se preocuparam muito com a preparação imediata do Concílio, por isso na metade de abril de 1869 acompanhei Dom Sávio para um encontro dos bispos piemonteses em Turim, onde discutiram inúmeras questões, dentre as quais aquela da infabilidade do Papa.

Estávamos em novembro deste mesmo ano, quando a convite do meu bispo, acompanhei-o em Roma como seu secretário. Fiquei hospedado no famoso palácio do "Quirinale" este era a residência oficial do Papa durante o escaldante verão romano.

Ali iniciava-se para mim uma inesquecível aventura, pois como acompanhante de Dom Sávio, passei a conviver e conhecer cardeais, bispos e muitas outras pessoas importantes. Dentre muitas com as quais me detive, lembro-me muito bem do Cardeal Joaquim Peccei, Arcebispo de Perugia e que seria o futuro Papa Leão XIII. Lembro-me ainda do Cardeal Dorment, Arcebispo de Bordeaux, de Dom Bagnoud, bispo de Belém, Dom Mouly, Arcebispo de Pequim, além do Jesuíta Francisco Pellico, irmão do grande escritor Sívio Pellico e também de Pedro Marietti, editor pontifício. Em suma, foram tantas pessoas bondosas e influentes que conheci, que seria enfadonho deter-me numa listagem de nome.

Naqueles dias o coração de toda a Igreja espalhada pelo mundo inteiro, pulsava em Roma. Em dias verdadeiramente de graças. O dia mais esperado por mim foi 08 de dezembro, quando o Papa dava início oficialmente ao Concílio com uma solene santa missa. Começava-se assim a primeira sessão do Concílio com 737 participantes, dentre os quais também eu. Lembro-me muito bem que o questionamento mais forte e que se colocou de imediato nos trabalhos conciliares foi: Como enfrentar o novo mundo nascido da revolução Francesa?

Diante daquelas várias centenas de pessoas preocupadas com os destinos da Igreja, estava eu, tocando com minhas próprias mãos, vendo com meus próprios olhos, o que era a Igreja, a sua força, a sua beleza, a luz do seu magistério. Parecia-me de encontrar-me no céu, e por isso, logo em seguida escrevia ao meu pai que só tinha que agradecer a Deus por aquela oportunidade de encontrar-me no meio de tantas maravilhas que era impossível exprimir através de uma carta. Lembrei-me em seguida do meu amigo Riccio e escrevi-lhe



uma bonita cartinha contando sobre a audiência que tive com o Papa Pio IX juntamente com Dom Sávio na noite de Natal daquele ano. Sinceramente, era impossível escrever as palavras que manifestavam a minha experiência de ver, ouvir, tocar e falar com o Papa de uma maneira tão espontânea e próxima.

Roma tornou-se para mim um recinto sagrado, pois sempre mais queria conhecê-la, contemplá-la, tocá-la, senti-la e gozar de tudo aquilo de mais bonito, mais querido e precioso que nela existia. Era ali na cidade eterna que a gente podia encontrar em qualquer lugar algo que comovia, que alegrava o coração de um cristão, sobretudo de um sacerdote. Tudo isto fazia vibrar fortemente meu coração. Sentia como era tão consistente a nossa religião, porque engrandecia e purificava tudo aquilo que se tocava. Diante da emoção e das novidades do particular momento que estava vivendo, vinha-me em mente um agradecimento espontâneo ao Senhor que anos atrás tinha-me salvo dos perigos em que me encontrava de ser também eu do número daqueles infelizes que se distanciaram dos ensinamentos da fé católica. Minha alegria tornou-se cada vez maior à medida em que eu constatava com os meus olhos os frutos do Concílio. Efetivamente, um dos primeiros frutos foi a promulgação da Constituição Dogmática "Dei Filius", onde com lucidez e coragem, propunha a verdade da fé ao mundo inteiro numa hora em que a razão e a ciência alucinada pela soberba, negavam toda a verdade revelada por Deus. Mas o dia 18 de julho de 1870 foi inesquecível para mim, pois o Papa naquele dia dentro da Basílica de São Pedro proclamava com a Constituição Dogmática "Pastor Aeternus", o dogma da infabilidade do Papa, recebendo a aprovação de 451 votantes e com uma não aprovação de apenas 88 que se manifestaram contrários a tal proclamação.

Um mês após este grande acontecimento para a Igreja, Roma vem invadida e tomada em razão da guerra Franco-Prussiana, o Papa Pio IX se fechou dentro dos muros do Vaticano exprimindo assim para a própria Igreja e para o mundo seu claro protesto e agressão que recebia. Mas deste episódio eu não participei, pois neste interim o Concílio fora suspenso e eu já estava em Asti com Dom Sávio.

Este episódio lamentável fazia com que o Papa fosse tratado como inimigo da Itália, mas ele não ficou sozinho, pois o mundo inteiro manifestou-lhe demonstrações de estima, afeto e de apoio. Nesta situação de oposição e perseguição à Igreja, Pio IX que antes tinha recebido do mundo inteiro numerosos pedidos solicitando proclamação de São José como Protetor da Igreja, sentiu que era a hora e com o Decreto "Quemadmodum Deus", aos 08 de dezembro de 1870 proclamava São José o Patrono da Igreja Católica.

O fato repercutiu tão bem e aqui também minha alegria foi indescritível, pois eu já era então um devoto de São José. O acontecimento colocava finalmente o Santo Patriarca no seu devido pedestal e com isso, a sua devoção começou a aparecer sob diversas formas, particularmente com as associações e confrarias em nome de São José e com isso, o laicato católico recebeu um novo impulso e reflorescimento em todo o mundo católico. Neste sentido tinha razão Pio IX, quando ao ilustrar o seu decreto dizia: "José, aquele que, na sua vida, serviu somente Jesus e o início da redenção. São José, aquele que hoje no céu, assiste e protege a Igreja, prolongamento de Jesus e seu místico Corpo do mundo".

Os refletores convergidos para a pessoa de São José dentro da Igreja, solidificou ainda mais minha devoção para com ele, passei a imitar suas virtudes e procurei difundir sua

devoção e assim foi o que o tempo passou e eu tive então a possibilidade de aconselhar aos meus filhos espirituais que cada um tomasse as próprias inspirações do modelo São José, que foi aqui na terra o primeiro a cuidar dos interesses de Jesus.

Quando voltei para Asti, após a suspensão do Concílio procurei ficar mais atento às necessidades do meu bispo que estava cansado e doente. Trabalhei duro na preparação da relação de toda a Diocese para enviar a Roma. Preocupava-me a diminuição do número de seminaristas e por isso, de imediato, prestei-me a ser confessor e professor no seminário.

Entretanto, a perseguição ferrenha que se fazia à Igreja, tinha em contra partida soprado no seio da Igreja Italiana, por parte de alguns mais aguerridos, o desejo de melhor torná-la presente na sociedade. E isto foi muito bom, pois não demorou para nascer em Bolonha, no ano de 1867 a "Sociedade da Juventude Católica", por iniciativas de Mário Fani e João Acquaderni. Esta iniciativa veio a somar-se aquelas outras obras já existentes no Piemonte, na pessoa de Dom Bosco, Murialdo e Faà di Bruno; as quais tinham proporcionado um verdadeiro despertar do laicato católico.

Em Asti contudo, este ar de renovação ainda não tinha chegado. Existiam apenas a "Opera Pia Michelério", uma instituição dirigida pelo Cônego João Cerutti e que acolhia os órfãos e um Asilo que abrigava em particular os doentes, mas este seria fundado somente no ano de 1874 por iniciativa de Francisco Cerrato. Constatando tanta necessidades passei a martelar continuamente em minha cabeça a urgência de criar um novo projeto dentro da Diocese de Asti. Depois de muito pensar e ficar convencido de que isto era vontade de Deus, propus ao Cônego João Cerutti o esboço de uma "Companhia de São José, protetora dos interesses de Jesus". Tendo evidentemente São José como modelo e inspirador, ele que aqui nesta terra tinha cuidado e protegido o Menino Jesus e feito de pai durante os trinta anos de sua vida na pobre família de Nazaré. Eu tinha uma concepção em minha mente de como deveria ser e funcionar esta companhia, simplesmente a queria promotora dos interesses de Jesus, nas mais variadas situações. Ela teria finalidades próprias como tinham então todas as outras associações de leigos já presentes e atuantes na Igreja. Particularmente eu queria que os membros desta companhia se empenhassem diariamente no cultivo da oração pessoal e comunitária, que todos colocassem em comum suas aptidões e que trabalhassem em obediência ao Papa e ao Bispo. Além disso, especificamente como trabalho concreto inicial, que se formasse uma espécie de um bazar católico com livros e objetos sagrados para estimular e facilitar a formação cristã principalmente da juventude. Era então o ano de 1872.

Infelizmente o Cônego Cerutti não levou a sério a minha intenção e sem seu apoio, tudo parou por ali mesmo. Mas, em mim persistia a idéia de realizar algo de prático e proveitoso em benefício dos outros. Constantemente surgia-me a pergunta: O que eu deve fazer? O que Deus quer de mim? Eu refletia sobre estes questionamentos e parecia-me claro que o que Ele queria não era apenas aquele pouco de ministério que eu desenvolvia diariamente como secretário do bispo, ou como professor e confessor. Constatava com os meus próprios olhos que aquela sociedade precisava de mais pessoas dedicadas ao Serviço do Senhor, embora em todo o Piemonte neste período tivessem surgido quarenta famílias religiosas femininas e sete masculinas. Mas apesar de tudo os sacerdotes seculares continuavam poucos nas dioceses e a força de trabalho ativa da Igreja era ainda deficitária. Além do mais, muitos conventos tinham sido suprimidos pelas leis de Napoleão e Rattazzi.

Portanto, a urgência de pregadores, catequistas, educadores para as moças e os rapazes, de assistência aos pobres e velhos, aos doentes e marginalizados, de confissões e direção espiritual, era impelente.

Juntamente com estes constantes questionamentos ante à necessidade da Igreja, eis na metade do ano de 1873 um antigo desejo que eu já havia compartilhado com Delaude, começou a incomodar-me. Este era de fazer-me trapista e viver o resto de minha vida no recolhimento e na oração, ocupando-me única e exclusivamente de Deus. Precisava de uma resposta para esta inquietude, precisa de alguém com que exprimisse mais claramente este meu desejo e por isto dirigi-me a Dom Sávio abrindo-lhe meu coração. Ele, após ouvir-me atentamente disse-me: "Padre José, parece-me que Deus quer outra coisa de sua pessoa aqui no mundo".

Aceitei serenamente seus conselhos e continuei trabalhando como de costume, mas meu coração não me deixava parar de pensar num mosteiro trapista. Meu desejo e o meu amor pela trapa parecia explicar-me pela vontade de contribuir no florescimento da vida Religiosa em Asti que era uma cidade privada de religiosos. Nela, no início do século tinham sido suprimidas várias ordens religiosas, como já acenei, mas dentre as quais foram a cartuxa Beneditina que existia em Asti, desde 1387, assim como o Mosteiro Beneditino perto de Mongardino e os Cistersenses de Asti. Além do motivo que tinha para tornar-me trapista, cooperou igualmente as visitas que fiz quando estive em Roma para o Concílio, aos mosteiros trapistas de "Tre Fontane" e ao "Montecasino", berço do monaquismo no Ocidente. Nestes dois lugares senti-me seduzido, e ao mesmo tempo vivi um atrativo secreto pelo silêncio e pela contemplação.

Incomodado ainda por esta necessidade que me parecia impelente, dirigi-me pela segunda vez a Dom Sávio, desta vez pedindo-lhe a permissão para entrar num Mosteiro, mas depois de longo diálogo meu bondoso bispo afirmou-me que Deus queria algo de mim no mundo para a glória e a salvação das almas. Entretanto, aconselhou-me de rezar muito para que Deus logo fizesse conhecer quais eram os seus desígnios ao meu respeito.

Aceitei obedientemente os conselhos do meu bispo, mas continuei questionando-me por que Asti não tinha nenhum instituto religioso masculino? Ressoavam-me ainda dentro de mim as distantes palavras de Lacordaire que eu tinha lido em suas conferências nos anos de 1867 e 68, quando escrevendo sobre grande tristeza da supressão das Ordens Religiosas na França, após a Revolução Francesa, assim dizia: "O melhor serviço para se fazer à Igreja é justamente aquele de fazer alguma coisa para o ressurgimento das ordens Religiosas".

Continuava, entretanto desenvolvendo o meu trabalho como secretário de Dom Sávio e ocupava meus retalhos de tempo para escrever aos amigos, sobretudo para incentivá-los quando manifestavam dificuldades, mas não deixava do mesmo modo de ficar atento aos acontecimentos mais importantes dentro e fora da Igreja. O desejo, porém de reavivar a vida religiosa não tinha adormecido em minha mente.

Foi preciso deixar o tempo passar, decantar as coisas, e que chegasse o ano de 1877 para que eu elaborasse novamente um projeto de fundação de uma Congregação Religiosa, a qual denominei de Oblatos de São José, tendo como finalidade principal honrar São José, imitando suas virtudes e procurando conformar-se da melhor maneira a vida de seus

membros com o estilo de vida pobre, humilde e escondida deste grande santo que eu muito admirava e honrava.

Feito o projeto, apresentei um esboço do mesmo a Dom Sávio, o qual imediatamente aprovou, prometeu-me seu apoio e até aconselhou-me ir à Turim, a fim de consultar aqueles "homens de Deus" que tinham então a fama de serem os mais iluminados e dentre os quais estavam os padres Carpignano e Anglésio. Estes eram considerados os mestres de almas mais apreciados e procurados em Turim e a eles recorriam tanto os bispos como os sacerdotes, os fundadores como as fundadoras. Guiados pelos seus sábios conselhos tinham surgido no Piemonte as famílias Religiosas de São Leonardo Murialdo, do Bem-Aventurado Francisco Faà di Bruno, Frederico Albert, Clemente Marchisio e José Rosaz.

Não perdi tempo, e depois de alguns dias encontrava-me com o padre Anglesio, sucessor do Cottolengo na direção da "Pequena Casa da Divina Providência". Conversei longamente com este meu consultor e ele me assegurou que meu projeto parecia ser verdadeiramente de Deus. Animado pelos seus sábios conselhos, ousei perguntar-lhe se não podia ceder-me um irmão de São Vicente para servir de pedra fundamental da obra que então estava disposto a iniciar, mas ele com sinceridade disse-me que aquele homem de que eu tinha necessidade ele não tinha, mas mesmo que o tivesse não me cederia, porque cada Congregação que Deus suscita na sua igreja deve ter o seu espírito próprio .

Confortado pelo juízo positivo do Padre Anglesio e de muitas outras pessoas que me incentivavam, não duvidei de que aquela era a vontade de Deus e comecei rezar muito para que o Senhor abençoasse o meu projeto e enviasse vocacionados para enfim dar o início à tão desejada Congregação

Com o intuito firme de iniciar uma nova Congregação, percebi que a vontade de Deus era clara a respeito ao meu projeto, por isso, não esperei que as vocações caíssem do céu. Arregacei as mangas e comecei procurá-las, enquanto o Cônego Cerutti deu-me uma chance permitindo que eu fizesse a proposta àqueles jovens do Michelério que tinham melhores possibilidades de entrarem em minha nascente Congregação. Este foi um grande passo rumo aos meus objetivos, mas ao mesmo tempo dirigi-me aos sacerdotes da diocese pedindo-lhes colaboração no sentido de encontrar vocações. Escrevi também muitas cartas com este mesmo intuito à pessoas amigas, dentre as quais lembro-me ter escrito uma com muita confiança e confidencialmente ao Pe. Cesar Rola, do qual eu era Diretor Espiritual. Nesta eu lamentava-lhe a falta de vocações religiosas masculinas na Itália, que por muito tempo tinha sido a terra clássica do monaquismo, e que na situação de então quase ninguém mais pensava na prática dos conselhos evangélicos e com isso, os noviciados masculinos encontravam-se todos vazios. Diante desta minha constatação eu lhe perguntava se o amor às riquezas, aos prazeres e à liberdade não tinha efetivamente obscurecido as máximas do evangelho, a ponto de ninguém mais querer ser discípulo do Divino Mestre. Será que os religiosos eram coisas do passado? Para mim isto não era verdade, por isso eu incentivava ao meu caro amigo a esforçar-se, malgrado os impedimentos do mundo, a incutir nos homens, seja nas posições em que se encontrassem, a procurar aquilo que era fácil então para as mulheres, ou seja, o estado de Consagração ao Senhor. Conclui depois

esta minha carta a ele pedindo-lhe que se por acaso conhecesse algumas destas pessoas, mesmo que fosse um rude camponês, ou um pobre operário que se sentisse inclinado ao estado de comunhão de vida com outras para poder dizer como Pedro: "ecce non reliquimus omnia et secuti sumus te? E se existisse que rezássemos ao Senhor para que as confirmassem na vocação e as fizessem generosas no tempo oportuno, pois também para quem não é apto aos estudos, deve ser possível a observância dos Conselhos Evangélicos e a segurança da própria salvação no estado religioso...(5)

Transcorrido apenas um mês, precisamente no dia 04 de novembro de 1877, festa de São Carlos Borromeu, tornei a escrever ao Pe. Rolla que continuava trabalhando em Mongardino. Ele tinha me prometido ajudar na empreitada. Por isso, mais uma vez pedia-lhe com insistência que continuasse procurar qualquer rapaz de boa vontade e que o cultivasse até o momento oportuno. Enviei-lhe também o primeiro esboço da Regra Fundamental, da "Companhia de São José", já aprovada por Dom Sávio. Ali estava expresso em poucas palavras o esboço na Companhia que eu havia demonstrado estar disposto a começar pedindo os conselhos do Cônego Cerutti. (6)

Ao Pe. Rolla eu manifestava o mesmo princípio de simplicidade que devia caracterizar a "Companhia "; por isso dizia-lhe que "Qualquer que seja, por qualquer razão (idade avançada, dificuldade nos estudos, etc.) não possa aspirar ao estado eclesiástico ou religioso, e todavia deseja seguir de perto o Divino Mestre com a observância dos Conselhos Evangélicos, está aberta a Casa de São José, onde retirando-se com o propósito de permanecer escondido e silenciosamente operante na imitação do grande Modelo de vida pobre e obscura, terá os meios de tornar-se um verdadeiro discípulo de Jesus Cristo.(7) Para mim a Casa de São José deveria estar aberta à pessoas simples que eu chamaria de irmãos, não religiosos professos, mas simplesmente Oblatos, estes se disporiam a oferecer-se continuamente a Deus para buscar a perfeição, destacando-se de todos prazeres terrenos do corpo e do espírito. A obrigação da Companhia de São José eu a delineava nas palavras de Jesus "renunciar tudo para ser meu discípulo", palavras que recolhiam os três pontos essenciais da vida de perfeição. Pobreza, Castidade e Obediência. Na verdade, este meu desejo concretizou-se, e meus Oblatos professaram os votos em 1901, quando minha Congregação teve sua existência canônica reconhecida.

Aberta a Casa de São José, não demorou senão alguns dias para que eu encontrasse o primeiro candidato. Tratava-se de um ótimo jovem de 23 anos, chamado Jorge Medico. Eu já havia o conhecido no seminário, mas depois, ficando órfão do pai, e sendo muito pobre tinha voltado para sua casa no início daquele ano para ajudar a sua família. Falei com ele longamente, expus-lhe meus projetos e convidei-o para ser um dos primeiros a iniciar a nova Congregação. Jorge, depois disto foi aconselhar-se com o seu pároco e aceitou prontamente o meu convite. Estava finalmente dado o início. Neste interin conversei também com vários jovens do Michelério e propus-lhe a mesma coisa.

Senti que realmente o momento tinha chegado e no dia 14 de março de 1878, quatro jovens: Jorge Medico de 23 anos, Beamino Pietro Luigi de 20 anos, Rey Luigi de 20 anos e Franco Vincenzo de 44 anos, formaram a primeira turma os Oblatos de São José numa das salas do Michelério.

Minha felicidade era notada por qualquer um, passei a acompanhá-los diariamente. Infelizmente destes quatro apenas Jorge Medico perseverou. Mas passados quatro meses, vieram se unir a nós, outros dois bons jovens: José Capussotto, lavrador de 27 anos e Francisco Ponzo, alfaiate de 26 anos. Estes seis chamados foram as primeiras sementes da Companhia de São José.

Ali entre os muros do Michelério, não tinha nada de luxo, apenas um cômodo dividido que servia de refeitório e sala. Alguns pratos de barro e um quadro de São José na parede. Numa outra sala ficava o pequeno dormitório. Naturalmente o Cônego Cerutti pediu e eu pagava com prazer, uma pequena taxa ao Michelério pela ocupação do lugar.

Aos seis primeiros membros eu propus o esboço da regra fundamental a qual salientava que o irmão de São José, não era um religioso no sentido comum da palavra, portanto professo, mas um simples Oblato que se oferecia continuamente a Deus, buscando a perfeição e destacando-se dos prazeres do corpo e do espírito.

Eu queria que São José fosse a referência segura para eles chegarem até Jesus e por isso também ensinava-lhes que na Casa de São José, os irmãos deviam viver como pobres, obediente e castos, em comunidade e fraterna caridade, procurando continuamente seguir Jesus Cristo, como fez São José na sua casa de Nazaré.

Sobre qual ministério específico deveriam desenvolver os meus Oblatos eu não tive imediatamente do Senhor uma clara manifestação. Compreendi entretanto, que seria um serviço para a Igreja como colaboradores dos padres nas paróquias, como catequista, sacristões, etc.

Os primeiros meses da Congregação foram transcorridos quase que exclusivamente dentro das paredes do Michelério, entre orações, aulas de catequese e trabalhos dentro da própria casa. É verdade que alguns pretendiam que os meus Oblatos mais conhecidos como "irmãos", fossem servos do Michelério e frequentemente davam-lhes os serviços mais desprezíveis, entretanto, eu os encorajava a terem paciência procurando espelharem-se sempre no exemplo do nosso modelo São José.

Eu realmente estava preocupado em dar à minha Congregação nascente uma estrutura, por isso, em outubro de 1878, fiz uma peregrinação até Ars na França, onde visitei e rezei bastante no túmulo do grande pároco daquela aldeia. Os poucos dias que ali passei me impressionara, pois sentia-me tocado vendo que naquele lugar não eram apenas as velhas e os velhos ignorantes que tinham o rosário em suas mãos, mas também pessoas importantes rezavam de joelhos diante da imagem de Maria Santíssima.

Os dias que ali passei, transcorri-os hospedado na casa dos "irmãos da Sagrada Família", os quais dirigiam ali mesmo um orfanato. Observei atentamente como eles trabalhavam na Igreja e no serviço da juventude. Observei também o hábito religioso que eles usavam, uma simples veste sem botões, com uma faixa preta na cintura. Gostei do modo simples de vestir destes irmãos, e decidi que também adaptaria aquela veste aos meus Oblatos. Assim, no dia 19 de março de 1879, festa de São José, seis irmãos Oblatos receberam a veste religiosa das mãos do Cônego Cerutti, numa cerimônia na "Igreja de Jesus". Naquele dia o Cônego Cerutti parecia ser o fundador e o Superior daquele pequeno grupo, mas eu não me importei, tanto é verdade que nem forcei para ser eu o presidente da Cerimônia e entregar pessoalmente o hábito a cada um deles. Hoje olhando à distância não

seria dizer-vos se fiz isto levado pela personalidade forte do Cônego, que concentrava tudo em sua pessoa, ou se foi por humildade, seguindo o exemplo de São José.

O certo é que eu estava muito contente, mesmo depois que na cidade meus Oblatos passaram a serem chamados por alguns como os "Fratini" do Cônego Cerutti. Na verdade no dia da vestição daqueles seis jovens, um grande acontecimento marcava a história, pois depois de aproximadamente 80 anos desde as primeiras supressões Napoleônicas, estava renascendo em Asti a Vida Religiosa.

A oração e o trabalho eram contínuos, pois esta pequena comunidade manifestava um grande fervor. Posso afirmar-vos que alguns destes durante o carnaval passaram a noite inteira de joelhos em oração. Posso dizer que existia também entre eles aquele sentido de humor e de brincadeiras, como uma vez que José Capussotto estava rezando em alta voz dentro da Igreja e repetia-o continuamente: "Senhor, dê-me umas bordoadas". Então Pedro Biamino pegou uma forte vara e começou a fingir de bater-lhe mesmo. Então Capussotto reagiu imediatamente, mas Biamino disse-lhe então: "O Senhor encarregou-me que eu mesmo te batesse, ou você queria que viesse Ele próprio".

Entretanto, a comunidade aos poucos ia crescendo e no dia 18 de março de 1880 mais três jovens: Francisco Nissa, José Coppo e Pedro Camerano ingressaram no número dos irmãos. Eu gostava muito daqueles jovens, pareciam-me sérios e davam-me bastante esperanças, por isso, todos os dias me esforçava para formá-los através de uma meditação embasando-os na escola de São José. Naturalmente, meus ensinamentos possuíam um sabor Josefino e pelo que bem me lembro, deixei-lhes bem claro que: "A vida escondida é o meio mais eficaz e mais seguro para se poder chegar à perfeita retidão de intenção". Falava-lhes do coração que "Felizes são aqueles que compreendem o valor da vida escondida, estes gratificarão grandemente a Deus, porque uma alma desejosa na vida escondida, ignorada pelo mundo, toda voltada para servir a Deus e à procura somente Dele, lhe dará certamente a máxima glória." Outro pensamento que inculcava-lhes com gosto em seus corações era: Sede Cartuxos em casa e apóstolos fora de casa" ou ainda, "Como São José, vivamos cada dia, seguindo as disposições da Providência, fazendo o quanto ele sugere."

Moldados neste espírito de silêncio e humildade, estabeleci para a nascente comunidade os dois tipos de silêncio. O primeiro chamado de Grande Silêncio que iniciava com a oração da noite e durava até ao outro dia na hora do café da manhã. Este era tido como um silêncio rigoroso. O segundo chamávamos de pequeno silêncio que permeava todo o dia, exceto nos momentos de recreação, este consistia em falar somente por necessidade.

Durante os três seguintes anos, o meu trabalho na diocese se tornou mais intenso, primeiro porque passei a ter uma maior preocupação com o meu bispo que já idoso, tinha se tornado muito doente, depois porque fui nomeado no início de 1879 Cônego honorário e em seguida, efetivo da Catedral de Asti, onde passei desde então a exercer um ministério contínuo de confessor e de pregador. Todos os dias de manhã e à tarde, encontrava-me na Catedral para o atendimento das confissões e direções espirituais tanto de padres, religiosas como fiéis.

Ao mesmo tempo, Dom Sávio instituiu-me confessor e Diretor Espiritual dos Clérigos seminaristas. Se como isto não bastasse, não porque não estava disposto, mas porque não tinha mais tempo nem para mim, nem para os meus Oblatos, fui também constituído confessor e Diretor Espiritual por sete anos consecutivos no Instituto Migliavacca. Quero lembrar também que Dom Sávio escolheu-me no início de 1880 para seu confessor e diretor espiritual particular, tarefa que desenvolvi com maior carinho até a sua morte.

Tendo falecido Dom Sávio no final de julho de 1881, tornei-me Chanceler da Cúria até a chegada do novo bispo.

Dom Sávio era muito bom para comigo, estimava-me e incentivava-me no presseguimento da minha nova Congregação. Ele sabia de minhas dificuldades financeiras, por isso, quando morreu deixou-me tudo quanto possuía de pessoal com a finalidade justamente de desenvolvimento dela. Ao receber tal herança, procurei aplicá-la da melhor maneira possível em benefício de meus Oblatos. Adquiri com esta ajuda logo naquele mesmo ano o pequeno Santuário "Del Vallone" dedicado à Nossa Senhora da Misericórdia e localizado entre São Martinho e Antignano D' Asti desde 1769. Este era para mim um lugar fascinante, no coração de uma magnífica concha tendo uma inclinação para a escondida planície do Tânarò, um lugar silencioso e cheio de paz, ideal para o recolhimento e para a oração, Meu intuito, ao adquirir esta pérola de Santuário foi para dar aos meus Oblatos um lugar de férias e ao mesmo tempo tornar aquela Igrejinha num lugar apto para a oração para o povo da vizinhança. Esta foi a primeira Casa da Congregação fora o Michelério.

A "Companhia de São José" como no início foi denominada, crescia e já contava com uma dezena de membros, diante disso eu necessitava conhecer melhor sobre as famílias religiosas já existentes, para dali obter experiências.

Por isso comecei estudar e conhecer melhor a família Salesiana de Dom Bosco e inclusive encontrei-me algumas vezes com ele e conversamos muito sobre este assunto e até por reconhecimento a ele inscrevi-me como membro cooperador Salesiano. Visitei também algumas Casas Religiosas dos Maristas e inclusive dos Trapistas e dos Irmãos das escolas cristãs e a cartuxa de Pavia. Tudo isto valeu-me muito, mostrou-me muitos ângulos que não tinha ainda percebido. Mas, além de tudo, eu continuava sempre à escuta da ação do Espírito Santo, pois sabia que precisava das luzes do alto para caminhar com mais segurança e firmeza.

No dia 28 de maio de 1882, Asti amanhecia em festa porque recebia seu novo bispo Dom José Ronco. Fiquei feliz porque novamente a Catedral episcopal estava ocupada por um homem inteligente embora muito enérgico. Apenas conheci-o ele já nomeou-me Chanceler da Cúria. Recebi o Decreto de minha nomeação a tal encargo e ao lê-lo o bispo dizia que me fora confirmada a função como Chanceler por que eu fora : "preferido por todos, pela minha honestidade e probidade aos meus costumes, digno de louvor pela fé, pelo cuidado e por ter sido secretário de Dom Sávio por muitos anos, Summa cum laude".

As palavras e a consideração por mim foram bonitas e comoventes, mas Dom Ronco era um homem temperamental e também rude nas palavras e quando apresentei-lhe um documento com todas as informações e a caminhada da minha Congregação, onde pedi de



lê-lo quando pudesse e expressar-me seu parecer, ele acolheu este pedido com muita indiferença e não deu nenhuma importância. Depois de algumas semanas voltei ao assunto com ele pedindo-lhe o seu parecer, mas ele simplesmente disse-me: "Seu documento está ainda ali no lugar que deixei, e se você que eu o restituo agora". Aquelas suas palavras foram um balde de água fria no meu entusiasmo. Senti muito aquela atitude do meu bispo, por isso, tomei o documento e senti-me naquela hora que a melhor atitude era abandonar-me nas mãos de Deus e foi o que eu fiz. Entretanto, eu prescentia que um longo e tenebroso inverno estava para começar.

Mas nem tudo é perene e aos poucos eu mesmo percebia que Dom Ronco foi se abrindo e à medida em que ele ia tomando conhecimento da realidade de sua nova diocese, ia tornando-se cada vez mais acessível. Assim a "Companhia de São José" que a princípio não lhe dizia nada, aos poucos começou a entrar em seu coração e passou reconhecer-me como o verdadeiro fundador e superior dos Oblatos e não o Cônego Cerutti que até então esforçava-se por passar como o protagonista e dava a entender que era ele o Superior.

Nesta altura, talvez pelas minhas inúmeras atividades e pelas adversidades sentidas, o número dos Oblatos não crescia. O último que tinha entrado a fazer parte de nossa família Oblata tinha sido Vicente Baratta em janeiro de 1881, e naquele momento embora Oblato, nem em Asti se encontrava, mas em Turim junto com os salesianos.

As dificuldades para se conseguir vocações eram também devido ao comportamento um tanto quanto arbitrário do Cônego Cerutti que esperava dos meus Oblatos apenas um grupo de "irmãozinhos" para trabalhar no Michelério. Por isso quando alguém se apresentava como jovem vocacionado pedindo para entrar na família dos Oblatos, o Cônego fazia-lhe por primeiro um sério interrogatório para poder sondar-lhe suas intenções, e se o candidato deixasse transparecer a idéia de querer tornar-se padre, era imediatamente dispensado, assegurando-lhe que devia procurar o seminário diocesano e não os Oblatos. Eu sentia muito esta atitude do Cônego, mas nunca cheguei a perder a paciência, pois tinha a plena convicção de que um dia aquela situação seria revertida.

Com o tempo tudo se resolve e tudo efetivamente começou a modificar-se, quando aos 18 de fevereiro de 1883, o nosso primeiro Oblato tornava-se sacerdote. Este jovem padre eu o tinha conhecido em 1878 propondo-lhe na ocasião de fazer parte da "Companhia", mas se como o seu pensamento era de tornar-se sacerdote, obtive de Dom Sávio a permissão para ele estudar teologia na portaria do Michelério. Assim ele estava constantemente em contato com os quatro primeiros irmãos e a mesmo tempo considerava-se um membro da "Companhia" que apenas estava nascendo. No prosseguimento de seus estudos tornou-se clérigo em preparação ao sacerdócio, e isso me questionava. Perguntava-me se não era vontade de Deus que alguns Oblatos também chegassem ao sacerdócio. Assim, guardei tudo isto comigo e entreguei nas mãos de Deus. O tempo encarregou-se de dar-me uma resposta.

A presença de Pe. Cortona entre os Oblatos foi uma verdadeira bênção. Com ele os irmãos tiveram a possibilidade de se transferirem para uma acomodação mais ampla no próprio Michelério e começaram viver de modo mais autônomo e nem foi preciso mais que

eu pagasse o aluguel nas dependências ocupadas, pois de agora em diante bastava o trabalho dos irmãos.

O Pe. Cortona passou dali em diante ser o meu braço direito. Ajudou-me na direção da Congregação nascente e sua presença como sacerdote levou-me a admitir possibilidade de outros irmãos estudarem em vista do sacerdócio. Mas para que este meu desejo se concretizasse, era necessário a permissão de Dom Ronco, o qual era sempre cioso de sua autoridade. Diante do intento nada fácil, contei providencialmente com o total apoio do Vigário Geral da Diocese, Pe. Bertaga que fora aluno de José Cafasso em Turim e gozava de uma boa estima e confiança de Dom Ronco. Ele conhecendo bem minhas intenções disse-me um dia que a minha Congregação estava destinada a ser não uma "Capela" mas uma "Catedral", afirmando com isso que tinha tudo para crescer, expandir e fazer um bem enorme na Igreja.

Depois que Pe. Cortona se ordenou e tornou-se efetivamente um Oblato, o pedido de jovens para ingressar no nosso seminário aumentou e a partir daí será contínuo. Logo em seguida entraram João Rapetti e Felix Navone. No final do ano voltava de Turim Vicente Baratta, onde tinha estudado até o 3º ano de Teologia e continuará e 4º de teologia conosco não no seminário diocesano, mas sob a direção de Pe. João Cortona. Ao terminar a teologia, também ele pediu para ser ordenado, mas quando fui fazer o pedido para a sua autorização ao ministério sacerdotal, Dom Ronco foi categórico, dizendo-me um belo de um não. Foi preciso muita diplomacia e insistência do meu intercessor, Pe. Bertagna, para que o bispo cedesse, e no dia 20 de fevereiro de 1884, Vicente Baratta foi admitido entre o número dos candidatos ao sacerdócio.

A esta altura, com dois sacerdotes, a "Companhia" passava a ser uma pequena Congregação, termo que eu sempre gostava de usar. Ficou sendo conhecida como "Congregação dos Oblatos de São José".

Não tendo mais nenhuma dúvida de que a possibilidade de acesso ao sacerdócio, devia ser aberto a todos os chamados para esta vocação, contei mais uma vez com a ajuda de Pe. Bertagna, o qual orientou aos irmãos interessados a tornarem-se sacerdotes que fizessem o pedido ao bispo e deixasse o resto por conta dele. De fato, Pe. Bertagna se empenhou e conversou muito com Dom Ronco, o qual depois de tantos questionamentos por fim disse-lhe: "Se o Cônego Cerutti não tem nada a se opor, eu também não terei". Finalmente a estrada estava aberta.

Com o sim do bispo a não oposição do Cônego Cerutti e o apoio de Pe. Bertagna, passaria a trilhar aquela nova estrada um número expressivo de jovens, começando com o irmão João Medico, o primeiro membro da "Companhia" nascente. Este era um verdadeiro imitador de São José e parecia o mais santo de todos.

Sua decisão e tornar-se sacerdote deu-se precisamente depois de muitas orações aos pés de nossa Senhora da Misericórdia no pequeno Santuário "Del Vallone", onde eu o tinha destinado em maio de 1883 para organizar o mês mariano. Ali ele rezava todos os dias o terço e dava instruções ao povo que para lá se dirigia com muito fervor, tocados pelo zelo e pelas palavras, ao ponto de encher a igreja e a sua pequena praça.

Em janeiro de 1884, pedia-me para entrar na Congregação Henrique Carandino de 24 anos. Este já tinha estudado no oratório salesiano em Turim, mas por motivo de saúde foi

obrigado voltar para junto de sua família. Recebi-o com muita alegria no dia 17 de janeiro de 1884, após ter feito uma novena a São José a meu pedido, para poder discernir se esta era mesma a vontade de Deus a seu respeito.

A vida de Comunidade no Michelério tornava-se cada vez mais rica e cadenciada pelos estudos e nos meses que se seguiram entraram mais três jovens: João Cantone, João Ambrósio e Luiz Carberoglio, este último terá uma função muito importante no desenvolvimento da Congregação.

A minha idéia iniciada em 1878 agora estava clara e concretizada, sentia que ali estava a mão de Deus. Tinha-me colocado à disposição de sua Providência Divina e continuaria ainda vivendo cada dia segundo às suas disposições, fazendo o que por ele me era sugerido.

Neste espírito, surgiu-me a possibilidade de transferir meus Oblatos para o antigo e conhecido mosteiro de Santa Chiara em Asti, o qual encontrava-se a poucos metros do Michelério. Este grande casarão tinha sido adquirido pela diocese de Asti com a finalidade e colocar ali os doentes do Asilo Cerrato que não tinha mais condições inclusive financeira de funcionamento. Não encontrando na cidade nenhuma instituição que pudesse dirigi-lo, foi-me pedido que assumisse o mesmo com a ajuda dos meus Oblatos.

Achei que minha Congregação tinha que começar fazendo algo de concreto dentro da diocese, por isso aceitei. Porém a primeira coisa que tive que fazer foi reformar por completo o antigo casarão com dinheiro do meu próprio bolso, de maneira que ficou adaptado com uma estrutura para acolher os doentes, inclusive com salas e até uma Igreja,

A primeira atividade que meus Oblatos passariam a desenvolver naquele lugar foi o ensino da catequese para os jovens da cidade, a exemplo do que eu já havia feito nos tempos passados. Estes, eram jovens operários e muitos dos quais não sabiam nem rezar o pai-nosso. A frequência à catequese foi tão expressiva, que além da ajuda dos Oblatos, foi necessário que eu convidasse mais três sacerdotes. Os frutos foram positivos, pois no final da catequese, mais de cem jovens fizeram a primeira comunhão.

Entretanto, a restauração de Santa Chiara continuava e só terminou aos 30 de maio de 1884, e imediatamente os doentes crônicos do Asilo Cerraro foram transportados para a nova sede. Por sua vez, no dia 04 de novembro do mesmo ano os Oblatos se mudaram para Santa Chiara, enquanto que Henrique Carandino permaneceu por mais um ano no Michelério como ajudante do Cônego Cerutti.

A nova vida em Santa Chiara era melhor; tínhamos mais independência e acabavam as indevidas interferências na Congregação. Nossa família religiosa tinha crescido, pois a esta altura éramos vinte e dois membros entre sacerdotes, subdiáconos, estudantes, irmãos e noviços.

Trabalho em Santa Chiara não faltava nunca, embora eu não trabalhasse lá devido minhas funções como Chanceler da Cúria, Cônego, diretor espiritual e vice-reitor do Seminário Diocesano. Devido minhas atribuições no seminário, a pedido do bispo, vinte seminaristas menores diocesanos passaram a residir e estudarem em Santa Chiara e com isso, nascia o "Pequeno Colégio de Santa Chiara", quase como uma sucursal do seminário de Asti, tendo Vicente Baratta e João Medico como assistente.

Santa Chiara tornava-se desta maneira numa casa composta de idosos do asilo, irmãs vicentinas que cozinhavam para os doentes, Oblatos e estudantes do pequeno colégio. Era um conjunto de atividades e situações que passava pelas minhas mãos e tudo isto não era nada fácil, pois além de meus trabalhos fora, tínhamos grandes dificuldades financeiras. Devo dizer que diante de tudo isto muitas vezes o apoio do Pe. Bosso, Diretor do "Cottolengo" de Turim, o qual com seu afeto e estima que tinha para comigo, vinha até Asti, ou então aconselhava-me de não desanimar, mas de colocar tudo nas mãos da Providência Divina.

A vida em Santa Chiara era organizada com orações, estudos e trabalho no pequeno colégio. Assim como o trabalho com os idosos, com o ensino da catequese e da assistência religiosa dos Oblatos fora de casa principalmente nos finais de semana.

Eu, quando podia procurava estar sempre presente, dando-lhes formação e acompanhando-os nas orações, assim como todos os domingos celebrava a missa na nossa pequena capela com a participação de muitos fiéis de fora. Com isso, o antigo mosteiro das clarissas tinha-se tornado novamente um centro de diálogo e de comunhão com Deus.

Sendo que tínhamos esta capela à nossa disposição, era fácil exercitar alguns atos de piedade que sempre estiveram presentes dentro do meu coração e que desde então, passei a transmitir particularmente aos membros de minha Congregação. Dentre eles, passou a dar uma forte importância a devoção à Sagrada Eucaristia, com a exposição do Santíssimo, todos os domingos. A devoção Mariana, com a reza do terço todos os dias, assim como a devoção a São José com instruções sobre, sua vida, sua pessoa e de consequência, o empenho que o cristão devia fazer para imitar suas virtudes. Não ficou esquecida também a veneração aos Santos Anjos e ao Sagrado Coração de Jesus.

Aos domingos, além de uma boa participação dos fiéis, era também grande participação à beção do Santíssimo à tarde. Lembro-me em muitas bênçãos do Santíssimo éramos honrados com a presença de Bartolo Longo que de passagem por Asti fazia questão de nos visitar, e com o qual fiz uma boa amizade.

Entretanto, o pequeno colégio surgido em Santa Chiara, fundava mais ainda suas raízes com bons professores, muitos de fora, sendo este um verdadeiro laboratório de vocações para a Congregação, onde logo depois de seu primeiro ano de funcionamento, cinco jovens, dentre os quais Luiz Garberoglio, decidiram entrar na Congregação, somando-se a diversos outros que já haviam feito a mesma opção, de sorte que na metade do ano de 1885, tínhamos 33 aspirantes à vida religiosa. A estes por questão de um certo carinho, passei a chamá-los de "Caríssimi".

Caminhando como tinha caminhado, Santa Chiara tornou-se grande e complexa. Senti portanto que era necessária a minha presença física e mais continua no meio daquela grande família diversificada. Como responsável pela condução do Seminário de Asti, sentia-me inibido de fazer tamanha solicitação a Dom Ronco para deixar o seminário. Sendo assim, veio ao meu encontro o Vigário Geral Pe. Sardi que através de sua diplomacia, conseguiu do bispo a minha transferência para Santa Chiara. Alguns dentre o clero não compreenderam esta minha atitude, e acharam até que eu tinha feito uma grande bobagem ao ir viver no meio dos velhos e doentes. Porém, minha presença nesta pequena cidade da caridade era necessária, visto que ali estavam vivendo aproximadamente 200 pessoas,

dentre os quais 54 delas eram os anciões doentes. O restante eram os membros da Congregação, os estudantes de fora e também uma pequena família de crianças órfãs.

À esta altura, a Congregação não possuía ainda uma figura jurídica, e por isso era dependente e submetida às disposições de Dom Ronco. Em vista disto nossos Oblatos sacerdotes aceitaram os serviços pastorais nas paróquias vacantes, quando solicitados pelo bispo.

Minha orientação para os membros da Congregação era que eles se dedicassem à educação da juventude, ajudando os párocos, servindo aos interesses de Jesus onde quer que fosse necessário. Diante deste nosso espírito, mesmo que nos oferecessem paróquias para dirigirmos como foi o caso da paróquia de Antignano D'Asti, a qual nos foi oferecida em 1885, não aceitávamos porque este não era justamente espírito da Congregação. Mesmo porque eu queria mantê-los todos unidos no mesmo espírito e numa vida de família sem dispersão.

Mas não eram apenas os sacerdotes que exerciam apostolado, os irmãos também desde o início se esmeraram no ensino da catequese, obra esta que depois será admirada no Piemonte e na Ligúria.

Neste interin o vigário Geral Pe. Sardi foi nomeado bispo de Pinerolo (1886) e assim eu perdi o meu grande apoio e o incentivador da Congregação. Com sua ausência, recebi mais um encargo e responsabilidade na diocese; tocou-me ser arcebispo do Capítulo, justamente no lugar do Pe. Sardi. Mas meus encargos não pararam por aqui, pois logo em seguida fui nomeado "examinador prosinodal" do clero.

Contemporaneamente com o número de Oblatos que tinha crescido, também o número de idosos e doentes tinha aumentado. Mas a Providência dava oportunidade não só para os seguidos pedidos de jovens para ingressarem na vida religiosa, mas também possibilitava aos pobres baterem em nossas portas. Por isso, as irmãs vicentinas que trabalhavam ali introduziram também uma família de meninas pobres, as quais foram chamadas de "Filhas de Santa Ana" e estas começaram a ajudar no extenso serviço da casa.

Devo dizer que graças ao trabalho sério desenvolvido em Santa Chiara, nunca faltaram muitos benfeitores generosos que além do mais admiravam e elogiavam o nosso trabalho.

Entre os meses de setembro de 1886 a setembro de 1888, recebemos na Congregação 30 jovens candidatos à vida religiosa, um dentre os quais chamado João Batista Franco, tinha apenas 10 anos. Dentre estes alguns se tornaram grandes missionários fora da Itália tais como Tiago Rivellino, Natal Brussasco, Pedro Bianco que abriram nossa missão Josefina no Brasil no fim de 1919. A esta altura nossa Congregação contava com quatro padres: João Cortona, meu auxiliar na condução da Congregação, Vicente Baratta, grande peregrino e pregador pela Diocese de Asti, João Medico um asceta admirado e ao mesmo tempo ecônomo de Santa Chiara e Henrique Carandino prefeito-formador dos Seminaristas.

## RUMO A ACQÜI

Sentia-me feliz e realizado com a existência e a caminhada da nova Congregação, sobretudo porque estava cumprindo meu desejo primordial que era aquele de prestar ajuda à Igreja de Asti.

Porém meu espírito sempre irrequieto pelo apostolado desejava muito mais, eu queria alargar as possibilidades no serviço do Senhor, de um modo especial na pessoa dos irmãos mais necessitados, mas para isto era necessário maiores estruturas. Surgiu então a possibilidade de adquirir um Castelo de Asti que tinha sido uma antiga moradia dos bispos na idade medieval, porém ponderando tudo afinal de contas valia apenas empatar o míngua dinheiro e os poucos meios naquele capital. Descartada esta idéia, veio-me a possibilidade de adquirir uma antiga construção que tinha servido para a fabricação de vinho em Asti e que há muito tempo estava desativada. Meu intuito era fazer daquele lugar um Centro de Evangelização para a juventude, mas não pude concretizar esta idéia porque logo em seguida Deus destinou-me para outras paragens.

Pensei até em uma Congregação religiosa feminina para trabalhar começando por Santa Chiara, mas os tempos não estavam maduros para aquele passo.

Na verdade, Deus quis que eu fosse lhe servir concretamente em outra sua vinha e assim, aos 23 de novembro de 1888 eu recebia de Dom Ronco um comunicado do Papa Leão XIII nominando-me bispo de Acqüi.

Minha primeira reação naquele momento foi de felicidade, mas ao mesmo tempo de renúncia ao responsável encargo. Parei para pensar muito em todas as consequências, conversei com alguns amigos, inclusive foi pedir conselhos e luzes ao Cardeal Alimonda de Turim. Depois, movido pela obediência à Igreja e ao Papa, disse o meu sim.

Dito o sim, tive apenas uns quarenta dias para arrumar tudo e que era preciso, principalmente no que se referia à Congregação. Depois viajei para Roma onde tive uma audiência com o Papa. Visitei e rezei em muitas Igrejas, e por fim fiz meu retiro de preparação ao episcopado junto aos jesuítas.

No dia 17 de fevereiro de 1889 eu era consagrado bispo pelas mãos do Cardeal La Valletta, na Igreja da Imaculada Conceição dos padres Capuchinhos, na via Veneto em Roma. Foi à exemplo de minha ordenação sacerdotal um dia imemorável e cheio de emoções.

Naquele mesmo dia enviei minha primeira carta à diocese de Acqüi e no dia seguinte uma outra a todos os de Santa Chiara.

Permaneci em Roma mais uma semana em companhia de meu pároco, Pe. João Batista Torchio, onde cumpri alguns compromissos inerentes ao novo estado e para visitar outros lugares. Depois disso, no dia 26 de setembro, chegava à Asti, onde meu primeiro compromisso foi visitar Dom Ronco e celebrar algumas missas, dentre as quais uma no Santuário de Nossa Senhora do Portão, na cidade de Asti e na Igreja de Santa Chiara. Visitei também meus bons amigos de juventude, Riccio, Delaude, Rossetti e Motta.

Tocava-me então celebrar minha primeira missa como bispo em São Martinho. Também este acontecimento foi para mim um dia inesquecível junto com meu povo naquele domingo de Páscoa do dia 21 de abril. Ali fui recebido com muita festa e no dia seguinte crismei 121 rapazes e moças. Depois tirei alguns dias para ficar junto com meus parentes.

E assim eu começava o meu ministério episcopal, cheio de muitas celebrações, reuniões e preocupado com a preparação de minha primeira carta pastoral aos fiéis da diocese de Acqüi. Mas somente no dia 16 de junho, depois do "Regio exequatur" pela posse da sede episcopal, é que ingressei em minha nova diocese sendo recebido por uma multidão que tratou-me com grande carinho e amor. Comovido celebrei na catedral diocesana minha primeira missa como bispo daquela diocese, acompanhado pelos padres, seminaristas, religiosos e religiosas e do povo que se acotovelava dentro da Igreja e por toda a praça. Agradei naquela oportunidade a gentil recepção que tinha tido e pedi a colaboração de todos, assim como me dispus a servir todos com o coração de Cristo.

Depois do meu ingresso na Diocese, minha primeira visita foi ao seminário diocesano que tinha aproximadamente 170 seminaristas. A formação destes jovens para o sacerdócio foi minha grande preocupação, pois ali estava a esperança dos apóstolos do amanhã.

Minha preocupação foi também logo de início conhecer todos os sacerdotes da diocese e confirmar no cargo de Vigário Geral o Pe. Pagella que era muito vivaz e gostava de manter a cadência da diocese com rédeas curtas.

Iniciei meu ministério imediatamente com muito trabalho, feito de reuniões, visitas, funções litúrgicas nas diversas igrejas, além dos discursos, as conversas com as personalidades da cidade .

Eu tinha pleno conhecimento dos problemas mais graves da sociedade de então e portanto quis de imediato organizar na diocese a Ação Católica, mas infelizmente em Acqüi não existiam homens preparados para este movimento. Além disso, pude contar muito pouco com o apoio de Pe. Pagella.

Em minha primeira carta dirigida à diocese, agradei a alegre acolhida do povo e junto com a mesma, acompanhava a Encíclica de Leão XIII "Quoniam Pluries" na qual o Papa denunciava a perseguição contra a Igreja e a confiava à proteção de São José, incentivava a oração do terço como devoção à Nossa Senhora. Foi a partir desta Encíclica Papal que eu tornei-me um grande divulgador da oração "A Vós São José", com a qual Leão XIII concluía a sua Encíclica.

A vida diocesana começou pouco a pouco tomar cadência segundo o estilo que me era próprio. Esforçava-me o quanto podia para manter o diálogo e a afabilidade com todos os padres, assim como para com os seminaristas e fiéis, e isto rendia-me um ótimo resultado, de sorte que encontrava-me muito bem com este meu estilo e constatava bons frutos. Para mim era uma grande alegria saber que aos poucos estava cativando o coração de meus sacerdotes. E o clero, antes fechado e receioso, começava manifestar um particular afeto e consideração pela minha pessoa.

Na verdade, eu tinha me jogado completamente para o serviço da diocese, fazendo tudo o que podia e por todos, sem esquecer-me dos meus Oblatos de Santa Chiara. Minha

preocupação era para que todos os fiéis da diocese sentisse o benefício da cura divina através do sacramento da confissão e que se fortificassem constantemente com a Eucaristia. Por isso, em minha segunda Carta Pastoral de 02 de fevereiro de 1890 convidei todos os cristãos para buscarem este encontro com Cristo e viverem na sua graça. Ao mesmo tempo pedia aos padres que se esforçassem para serem centros de oração junto a Jesus na Eucaristia, que fossem lugares de catequese, de encontro com Deus e de santificação através da administração dos sacramentos.

A esta altura dos acontecimentos já havia passado mais de um ano que eu tinha me tornado bispo daquela vasta região de Acqui. Devia portanto, iniciar as visitas pastorais em todos os recantos da diocese. Organizei-me e dei inicio a esta grande peregrinação cansativa, mas gratificante. Passei por conseguinte, através destas viagens a encontrar-me pessoalmente com os padres, os religiosos e religiosas. Todos os dias deparava-me com centenas de fiéis, confortando os doentes, discursando e falando com as autoridades. Eram palavras de conforto, incentivo e esperança aos sacerdotes cansados e desanimados, aos pobres, doentes e idosos abatidos, aos jovens e crianças esperançosas. Eram muitíssima instruções, celebrações da Santa Missa, administrações de Crisma e inúmeras atividades episcopal. Foram caminhadas a pé, à cavalo, com o trem ou com a charrete, não importava, tudo isto me fazia bem e feliz.

Desde jovem eu bem sabia que nem o liberalismo, nem o social-comunismo podiam resolver os problemas da sociedade, por isso, quando Leão XIII, publicou a Encíclica "Rerum Novarum", aos 15 de maio de 1891 com a qual apontava a solução para os problemas sociais, imediatamente divulguei-a na diocese, declarando abertamente a todos que somente Jesus Cristo é a solução de todos os problemas, também daqueles de ordem social e que não só os operários, mas todos os homens tinham sempre a necessidade da celeste sabedoria do evangelho.

Durante as minhas visitas pastorais pela diocese estava cada vez melhor, pois conhecendo o meu povo, a sua fé, as suas ansiedades e seus corações bondosos. Tinha diante de meus olhos uma infinidade de crianças e de jovens que precisavam de uma educação sadia, muito mais porque eram frequentemente influenciados pela ideologia ateista do estado. Aquela situação transportava-me para os meus idos anos de juventude onde corria o sério perigo de perder a fé. Pensando em tudo isto, senti a necessidade de dedicar a minha quarta carta pastoral aos pais cristãos, enfatizando a educação da juventude.

O Estado dava a escola gratuita, mas a queria vagamente teista, contrária aos princípios do catolicismo. Este modo de educar, cultivando apenas o intelecto não era suficiente e além do mais prejudicial, porque faltava a educação cristã do coração.

Aos pais portanto, fiz um premente apelo aconselhando-lhes tomarem muito cuidado com a educação de seus filhos, sendo que eles próprios eram os primeiros educadores. Pedi-lhes de que lembrassem sempre que os filhos eram sempre um dom de Deus, e que eles portanto, desde o nascimento têm o direito de receberem toda a atenção e uma boa educação.

Assim como eu procurava não descuidar da formação de todos os meus diocesanos, não deixava também de estar presente mais do que fisicamente, com minhas palavras,



conselhos cartas entre os meus Oblatos de Asti. Queria sempre que em Santa Chiara reinasse o clima da família de Nazaré, da humildade, simplicidade e obediência, da vida escondida na oração e na laboriosidade dos interesses de Jesus. Entretanto, as solicitações para os Oblatos ajudarem nas paróquias sempre eram uma constante, chegando ao ponto de não ter mais nenhum Oblato disponível e com isto, algumas paróquias tornaram-se verdadeiros centros do apostolado dos Oblatos.

No ano de 1893 eram cinco as paróquias confiadas ao pastoreio dos sacerdotes Oblatos. Este era efetivamente o estilo disponível e obediente que os membros da Congregação oferecia ao bispo mesmo que isto custasse muito a todos os membros. Dom Ronco sempre enviava os meus sacerdotes Oblatos como "ecônomos" naquelas paróquias mais pobres, pequenas, desprovidas de todas as estruturas e subsistência. Este trabalho relevante na Diocese de Asti, nem sempre era reconhecido, porém eu sempre aconselhava aos Oblatos que vivessem o espírito de obediência, humildade e renúncia. Aconselhava-lhes ainda dizendo: "de nossa parte deixemos que o prato da balança penda sempre do lado da autoridade e poderemos esperar que Deus Autoridade Suprema em mil maneiras fará com que a mesma balança, sem que os outros percebam, penda a favor da nossa causa."

A Providência Divina nos abençoava de fato com novas vocações, sobretudo porque o cuidado especial que os Oblatos, dedicavam com a juventude com a instrução catequética e os oratórios festivos atraía muitos jovens para o seminário, tanto é verdade que no início de 1892, a Congregação sentia a necessidade de mais uma casa para a formação. Surgiu então por um acaso um velho castelo em Frinco com a capacidade para 90 quartos e muito espaço apto para a formação dos jovens. Não titubiei e comprei-o por 12.500 liras e logo em seguida foi ocupado por um bom grupo de noviços e outros estudantes. Infelizmente a aquisição deste castelo veio gerar polêmicas com os dirigentes da "Pequena Casa de Turim", os quais pensavam ter os direitos sobre a propriedade de Santa Chiara por haverem contribuído inicialmente com uma pequena soma para a sua compra e porque ali ainda trabalhavam as irmãs Vicentinas do Cottolengo, como se fosse uma sua casa sucursal. Esta polêmica tive que presenciá-la e sofrer com ela até o fim de minha vida e isto desgastou-me tremendamente, tanto psicologicamente como fisicamente. Sofri muito, mas não perdi em nenhum momento a confiança em Deus e em São José. Naquela situação constrangedora parecia que uma escuridão envolvia todos os membros da Congregação, mas todos rezávamos para que a luz um dia brilhasse.

Em dezembro de 1894 enviei à Santa Sé meu segundo relatório sobre a minha diocese. Com humildade e sinceridade afirmei que minha preocupação tinha sido aquela de pregar os ensinamentos de Jesus Cristo aos fiéis da diocese. A formação religiosa às crianças embora fosse favorecida pela lei do estado, esta era contudo bastante presente graças ao empenho dos párocos, sacerdotes e catequistas. Tive também uma preocupação com a formação dos sacerdotes e para eles organizei encontros mensais de formação teológica todos os anos de novembro a julho, onde participavam também os seminaristas clérigos.

Quanto ao clero, em meu relatório declarei que reinava grande zelo apostólico não poupando sacrifícios. A respeito dos religiosos coloquei que estes se colocassem como uma grande força, colaborando nas confissões e pregações. Graças à presença de 46 casas de irmãs religiosas na diocese, a instrução e a formação religiosa das meninas era realizada

nas escolas públicas e particulares, assim como a assistência aos doentes nos hospitais e o cuidado com as crianças nas creches.

As vocações no Seminário estavam florescendo. Naquele ano, o seminário de Acqui contava com 178 seminaristas dos quais 25 eram filósofos e 57 teólogos. O seminário era bem conduzido e uma de minhas principais preocupações.

Quando assumi a diocese havia uma relativa presença do laicato católico e esta fiz questão de mantê-la e promovê-la mais. Assim, contávamos no presente ano em curso com 12 sociedades católicas, muitas escolas católicas femininas e particulares. Tínhamos também as conferências de São Vicente, Associações das Damas de Caridade, Oratórios festivos masculinos e femininos, outras diversas associações de caráter religioso, organização de cooperativismo agrícola e muitos mais.

Como pastor da vasta diocese, restava-me ainda duas visitas pastorais para realizá-las. Embora eu estava sentindo a precaridade de minha saúde abalada nos últimos meses, fiz minha última visita pastoral em Casinasco e consequentemente meus últimos passos dentro da diocese. Era o fim do mês de abril.

Em seguida fiz um grande esforço para participar em Alessandria da festa de Nossa Senhora "Dalla Salve", a convite do meu amigo Dom Salvay. Em Alessandria preguei e presidi celebrações marianas e muito embora não desse demonstrações, sentia-me profundamente abatido fisicamente e com uma hemorragia muito séria. Sentia que a hora de partir para a eternidade estava chegando, por isso esforcei-me ao máximo para cumprir os compromissos que tinha assumido, sobretudo procurei ficar bem perto de meus Oblatos que estavam sentindo e sofrendo o peso da problemática entre Santa Chiara e a "Pequena Casa de Turim".

O último compromisso que cumpri foi precisamente fora de minha diocese junto aos padres Escolopianos em Savona por ocasião do 3º Centenário da morte de São Felipe Neri. Embora não me sentisse bem e até fosse aconselhado por meu secretário Pe. Peloso de não ir à Savona, mesmo assim quis honrar o compromisso assumido junto aos bons padres Escolopianos. Viajei para lá de trem e no dia 26 de abril celebrei a missa solene pela festa de São Felipe Neri, e embora tivesse sofrido um pequeno desmaio, após a celebração tive forças para à tarde dar a benção com o Santíssimo.

No dia seguinte, sentindo-me um pouco melhor fui fazer uma visita ao Santuário de Nossa Senhora da Misericórdia, onde no distante verão de 1856 tinha sentido o desejo de consagrar-me a Deus para sempre como sacerdote. Ali celebrei a minha última missa. De volta, passei na residência episcopal para saudar Dom Borraggini que apenas tinha chegado de um compromisso fora de sua diocese. Mas, sentia-me mal e parecia-me que tinha uma carapuça de chumbo sobre a minha cabeça, estava exausto embora tentasse não apresentar o meu estado clínico.

Os médicos, Dr. Zunini e Costamagna examinaram-me e desaconselharam que eu voltasse naquele dia para Acqui, embora eles não tivessem individuado nada de grave em mim; apenas pediram que eu descançasse. Porém meu estado de saúde se agravou no dia seguinte a tal ponto de chegar a não reconhecer mais ninguém. Todos ficaram alarmados,

estava à beira da morte e por isso bondosamente me deram a unção dos enfermos. Finalmente no dia 30 de maio às 18:30h deixava este mundo e podia contemplar plenamente Deus.

Esta foi uma panorâmica e ao mesmo tempo uma síntese de minha vida que nada tive de extraordinário aos olhos do mundo. Apenas esforcei-me para ser fiel a Deus e no serviço aos irmãos. Esforcei-me para fazer bem as coisas do dia a dia da minha vida.

O Senhor foi muito bom para comigo, deu-me a força e os meios para viver e praticar as virtudes cristãs de modo particular e por fim concedeu-me a honra dos altares, após um longo processo sobre minha vida, no dia 26 de setembro de 1993, onde o Papa, representante de Cristo perante uma enorme multidão declarou-me Bem-Aventurado, na cidade de Asti, onde vivi e trabalhei quase toda a minha vida.

Hoje como Bem-Aventurado, sou proposto para toda a Igreja como um modelo e um exemplo para ser imitado assim como um intercessor a recorrer nas necessidades da vida.

## APÊNDICE

### 01- DEVOÇÃO MARIANA

"Desde criança, antes ainda de fazer a primeira eucaristia, ensinaram-me a devoção à Virgem Maria. Felizes de nós que tivemos assim uma boa educação! " ( *De um dos cadernos de escola do Marelllo* )

### 02 - O SEMINÁRIO

Em 31 de outubro de 1856 foi recebido pelo Superior do Seminário de Asti , iniciou as aulas no dia 04 de novembro, juntamente com mais 25 colegas de classe e desde o primeiro dia, José recebeu duas notas "dez", uma pelo seu comportamento e outra pela aplicação nos estudos.

### 03 - O MARELLO

Lia e estudava os autores latinos tais como Cícero e Horácio.

### 04 - ÍDOLO DE CARNE

Não se sabe de preciso se nesta ocasião o Marelllo teve afeto por uma jovem, tudo indica que não. Sabe-se que era um jovem ambicioso e em meio a cultura dominante de Turim, através dos estudos e lendo jornais que enchiam a sua cabeça dos expoentes como Garibaldi, Mazzini, Napoleão III, Cialdini e muitos outros. Sonhou ser um dia um jornalista, um agitador de massa.

### 05 - AMBIENTE EM TURIM

Enquanto o Marelllo estudava e preparava-se para o futuro, o seu ambiente estava cercado de grandes homens como o Cônego Anglesio, Dom Bosco, Leonardo Murialdo, Francisco Faà, etc.

#### 06 - DOENÇA

"Sua doença ocasionou-lhe uma guinada na sua vida, abriu-lhe os olhos para reconhecer a vaidade do mundo e como tudo era relativo" (Pe. Cortona)

#### 07 - NO SEMINÁRIO

Seu colega de seminário, Secondo Navone, testemunhou que o Marelllo era sempre sorridente e rico de grandes virtudes; todos os seus colegas seminaristas o admiravam e falavam muito bem dele.

#### 08 - CONFESSOR

"Como confessor no seminário, era aquele que tinha o maior número de seminaristas, sob sua direção espiritual. Mais do que aquelas suas palavras e admoestações, sentia-me tocado pela sua paternidade e bondade." (Henrique Schierano)

#### 09 - EM ASTI

O jovem sacerdote Marelllo era muito conhecido, e todos se sentiam à vontade de aproximar-se dele. Ele não afastava, mas atraía as pessoas. O povo o chamava de "El Canonic bravi", "O bom Cônego". Todos admiravam o seu espírito de piedade e oração.

#### 10 - MARELLO COOPERADOR SALESIANO

No dia 15 de maio de 1881, Dom Bosco, inscreveu o Marelllo entre os colaboradores salesianos, enviando-lhe o Regulamento com a seguinte dedicação: "Ao Revmo Pe. José Marelllo, Cônego. Oferta de Dom Bosco.

#### 11 - HENRIQUE CARANDINO

Nasceu em 1860 e em 1873, ingressou no seminário de Asti, tendo fama de santidade entre os seminaristas e grande capacidade no conhecimento do latim e do grego, a ponto de ter o apelido : "O Cícero do seminário."

#### 12 - SANTA CHIARA

No final de 1885, Santa Chiara tinha aproximadamente 200 membros dos quais 54 eram idosos.

### 13 - EM SANTA CHIARA

A entrada e a estabilização do Marelo em Santa Chiara, assinalou para aquele asilo e para os seus Oblatos, um período áureo, pois os doentes passaram a experimentar sua ternura paterna, beneficiando-os com os tesouros de sua caridade, consolando-os com o seu contínuo exemplo de paciência, serenidade e de abandono em Deus. (Icilio Felice, em Joseph, 1948)

### 14 - SERVIÇO PASTORAL ÀS PAROQUIAS

O Pe. Vicente Baratta, foi o ecônomo espiritual de nove paróquias na Diocese de Asti.

### 15 - O MARELLO E OS SANTUÁRIOS

O Marelo teve muito presente em seu coração o Santuário de Nossa Senhora da Misericórdia em Savona, de Nossa Senhora da Consolação em Turim e peregrinou em espírito de fé pelos santuários de Aropa, Varallo, Crea e Pompei.

### 16 - O MARELLO E SÃO JOSÉ

Quando o Marelo falava de São José, tinha idéias tão brilhantes sobre suas virtudes e seus privilégios, que todos os que o ouviam ficavam admirados e não entendiam de onde tomava tanta doutrina numa época em que São José não era estudado. Ele inculcava constantemente a confiança em São José, mas insistia particularmente sobre a obrigação de imitá-lo, especilamente no exemplo de sua vida de escondimento e de abandono à Divina Providência.

### 17 - O MARELLO E OS OUTROS SANTOS

Como protetor da juventude de sua Congregação, ele escolheu São Luiz Gonzaga, para os estudantes aspirantes Santo Estanislau Kostka e para os Noviços, São João Bergmans.

### 18 - O MARELLO E O RAMO FEMININO

Entre as jovens que viviam em Santa Chiara, o Marelo escolheu algumas que poderiam ter-se tornado o primeiro núcleo de uma Congregação Religiosa Feminina, instruiu-as e até chegou a impor-lhes uma medalha de São José, mas a Superiora das Irmãs Vicentinas que trabalhava no próprio Asilo, tirou-lhes as medalhas, não permitindo a elas de usarem.

### 19 - CARTA DE D. RONCO AO PE. PAGELLA

Apresentando o Marello como Bispo de Acqüi: "Como seminarista destacou-se entre os colegas pela piedade, disciplina e a aplicação aos estudos. Como sacerdote teve sempre uma conduta edificante em todos os aspectos, irrepreensível aos olhos dos Superiores, foi sempre tido aos olhos de todos como um sacerdote modelo... Levado por razões de seus trabalhos, estava em contato com todos e com todas as situações, assim como um contínuo contato com o clero diocesano e com as pessoas mais diferenciadas e não existe quem não lhe tribute sincera estima e todo respeito.

É de índole dócil, paciente, e diante das pessoas, ninguém jamais o viu, especialmente na Cúria episcopal irritado ou de mau humor. Atende diariamente as confissões na Catedral e na Igreja do Asilo de Caridade, tanto de manhã como a tarde. "É um bom pregador".(SI 421ss)

## 20 - DIANTE DAS DIFICULDADES EM SANTA CHIARA

O Marello às vezes cantarolava para os seus Oblatos esta frase em francês: "Je suis Napoleon ne trembez pas". Aplicando a São José, em confronto com os seus devotos, como Napoleão dizia aos seus soldados.

## 21 - DEPOIS DE SUA CONSAGRAÇÃO EPISCOPAL

Vieram visitar-lhe seus amigos Riccio, Delaude, Rossetti e Motta, assim como outros. Estes pediram-lhe a sua bênção, mas o Marello titubeava, não sabendo se aqueles seus amigos brincalhões falavam sério ou não. Então um deles, lhe disse em Dialeto Piemontes: So, So fa nem la ciula! "Vamos, vamos não façás o estúpido!" Então o Marello abençoou-os.

## 22 - VISITAS PASTORAIS

O Marello iniciou a sua primeira visita pastoral no dia 13 04 1880. E durante o período de seu episcopado, visitará todas as 143 paróquias da diocese, menos aquela de Lussito, onde estava sendo construída uma nova Igreja, e ele esperava para visitá-la ao término da construção, para poder consagrá-la.

## 23 - MARELLO, BISPO

O jornal "Gazzetta del Populo", elogiou muito o Marello, especialmente pela ocasião de seu ingresso na Diocese de Acqüi. Ele apenas chegou em Castelnuovo Belbo pela visita pastoral e "atraiu o carinho e o amor de todo o povo." Para mim parecia estar diante de uma cópia viva de São Francisco de Sales, seja na pregação fácil, familiar e profunda ... (Pe.Panizza)

## 24 - MARELLO E A CATEQUESE

Foi muito preocupado com a formação cristã. Preparou nos anos 1891-92 e difundiu com empenho, um catecismo muito apreciado que tinha como título "Compêndio da

Doutrina Cristã para a Diocese de Acqui". Este continuou sendo usado ainda depois de sua morte.

## 25 - MARELLO E A CARIDADE

Aos seminaristas que não podiam pagar as mensalidades no Seminário, ele pagava pessoalmente com seu dinheiro, sem dizer nada a ninguém. Gostava que a Igreja fosse sempre bem limpa e em ordem para as celebrações. Para um pároco presenteou-o com um turíbulo, para um outro um paramento litúrgico. Ajudava sempre os pobres.

## 26 - BISPO

Em resposta à sua relação sobre a Diocese a Santa Sé, recebeu da "Congregação dos bispos" estas palavras: ..."observante perfeitamente a lei da residência, administrastes aos teus filhos os sacramentos de maneira copiosa, pregastes o evangelho ao teu povo... És um pastor atento que não deixastes nada despercebido, em tudo aquilo que podia ser de enriquecimento à grei que te fostes confiado, ao ponto de produzir numerosos frutos de salvação eterna em razão de teus esforços... Perseveres deste modo assim sublime e, como pai amantíssimo, possas guiar entre as tempestades terrenas os teus filhos ao porto da Bem-Aventurada Salvação". ( Resposta do Cardeal Prefeito da S. Congregação dos Bispos, à Dom José Marelllo, bispo de Acqui, 27 01 1892).

## NOTAS

1 - ( C 72 )

2 - ( C 23 )

3 - ( C 23 )

4 - ( C 76 )

5 - ( C 94 )

6 - ( C 76 )

7 - ( C 95 )